

Pauta: Paz na escola

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): (14h20min) Estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude – CECE. Boa tarde a todos, todas e todes; aproveito para cumprimentar aqui o Ver. Gilson Padeiro, vice-presidente da nossa comissão; Ver. Giovane Byl, meu xará; Ver.^a Biga Pereira, que hoje acompanha esse importante tema de debate na nossa cidade. O Ver. Jonas Reis também acompanhará a nossa reunião da comissão, está aqui ao lado em outra pauta, de uma comissão em que também estamos tendo atuação na tarde de hoje. Dou boas-vindas a todos, todas e todes, porque fui o proponente; agradeço o aceite do conjunto da comissão para que, no dia de hoje, a Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude pudesse debater o desafio da construção de uma cultura de paz nas escolas de Porto Alegre, visto que nacionalmente, ao longo das últimas semanas, temos visto repercutir no Brasil inteiro um conjunto de ataques que infelizmente vitimizaram as nossas escolas, as nossas comunidades escolares, exigindo que as representações, que as câmaras municipais, que o poder público possa coletivamente refletir qual o melhor caminho para construirmos escolas seguras na nossa cidade e também no nosso País. Então, para dar início aos trabalhos, convidamos para compor a Mesa: A a Sra. Célia Cristiane Peres e o Sr. Guilherme Todeschini, que representam a Secretaria Municipal de Educação; a Sra. Simone Silva Dorneles, representando o Conselho Municipal de Educação; a Sra. Luciane Congo, representando a Associação dos Trabalhadores em Educação do Município de Porto Alegre – ATEMPA; o Sr. Carlos Eduardo e o Sr. Marco Aurélio, comandantes da Guarda Municipal de Porto Alegre; a Sra. Niara, representando a União Estadual dos Estudantes; o Sr. Kaick Pereira da Silva, representando União Brasileira dos Estudantes Secundaristas. Hoje a gente está com a comissão e a mesa cheia – logo mais o Anderson, que representa a UMESPA e a União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas se somará à nossa reunião. Convidamos também o Sr. Silvio Leal, que representa aqui a coordenação dos direitos humanos. Agradeço a participação de todos na tarde de hoje. Depois vamos citar também

outras representações que acompanham o debate da tarde de hoje nessa comissão. Dando início, gostaria de repassar a palavra para a SMED, para nós ouvirmos a Secretaria Municipal de Educação. Foi noticiado na cidade o desenvolvimento de um botão de pânico – essa é uma das medidas que a cidade tem discutido, bem como outros lugares do País também têm feito essas discussões. Aproveito, ainda nesse momento inicial, para dizer que o nosso grande desafio é, assim, como a gente nomeia a reunião de hoje, pensarmos coletivamente como que construímos uma cultura de paz nas escolas. A construção de uma cultura de paz passa por a gente tomar decisões políticas e pedagógicas, num sentido muito amplo e no conjunto do sistema, para que a gente possa pensar, não só a nossa intervenção nos momentos de crise, em que podemos pensar e discutir esse tema do botão de pânico, mas como que a gente pensa antes disso, como que a gente previne os conflitos, situações como as que aterrorizaram o Brasil inteiro longo das últimas semanas, como comentava antes. Então, para fazer esse debate de modo global, acho que o nosso grande desafio é como a gente constrói escolas mais seguras a partir da promoção da cultura da paz, e a gente está numa expectativa bastante grande de pensar como o conjunto dos convidados e convidadas tem feito esse debate no dia de hoje. Início aqui ouvindo a Secretaria Municipal de Educação, o que tem pensado na gestão do Município. Muito obrigado.

SR. GUILHERME TODESCHINI: Boa tarde, sou coordenador da segurança na SMED, estou aqui ao lado da Célia, que é representante da SMED na Comissão Interna de Prevenção a Acidentes e Violência no Âmbito Escolar – CIPAVE, que são os comportamentos mais seguros dentro da escola. Na SMED a gente pensa a comunidade escolar e a segurança da comunidade escolar com algumas frentes, mas o principal que a gente tenta tratar na Educação é o conceito de um lugar seguro para estar e para se sentir parte. Então a gente trabalha a segurança na escola com a seguinte frase: senso de pertencimento. O que é o senso de pertencimento? Para ficar mais intrínseco, mas mais profundo para vocês entenderem todas as nossas ações, aqueles alunos da rede municipal de

educação, todos eles, a grande maioria deles, vamos falar assim, da rede municipal, eles estão envoltos em territórios de alta vulnerabilidade social, ou seja, eles estão envoltos em territórios onde há tráfico de drogas, onde há violência, onde há grande número de assassinatos; e o que a gente faz? A gente faz – tenta fazer – com que o ambiente da escola seja um ambiente seguro, um ambiente onde ele se sinta pertencente. Nesse contexto, a gente trabalha em algumas frentes. Nós temos, na SMED, implementado, desde 2018, o CIPAVE, que a Célia vai falar na sequência. O CIPAVE funciona para comportamentos mais seguros em situações de risco – a Célia vai explicar melhor depois que eu disser todas as ações. Nós temos o Acesso Mais Seguro, que é uma plataforma onde as direções notificam as situações de risco em quatro bandeiras: verde, amarela, laranja e vermelha. Para que serve a plataforma do Acesso Mais Seguro? Serve para a gente ter uma base de dados para conhecer as situações de risco dentro de cada escola, dentro de cada região e em toda Porto Alegre, num contexto geral. Então hoje nós temos essa base de dados e nós conseguimos fazer uma avaliação total da segurança nas escolas. Além do Acesso Mais Seguro e do CIPAVE, nós temos o aparato físico de segurança. O que é o aparato físico de segurança? São os protocolos de segurança, que nós construímos juntos, a Guarda Municipal e a Secretaria Municipal de Segurança, que competem às ações de segurança para acionamentos da Guarda Municipal, ou seja, nós protocolamos ações para que as ações da Guarda Municipal sejam mais efetivas, e, nos últimos dois anos e meio, nós tivemos uma melhora de 63% na ação da Guarda na questão do tempo de resposta. Então, com o protocolo de ação, a parte física do acionamento já ficou melhor. E o principal, que é a parte material em que a gente investiu, é o seguinte: nós temos hoje 98 escolas da rede municipal e 217 conveniadas – entre as conveniadas, há OSCs parceirizadas e conveniadas, todas elas atendem alunos da rede municipal. Na rede municipal, nas 98, nós temos em torno de 890 câmeras. A essas câmeras, nós temos acesso em tempo real no Ceic, no Centro Integrado de Comando da Secretaria Municipal de Educação. Dentro do Ceic, nós botamos um funcionário da SMED, um técnico, para estar avaliando em tempo real as imagens; quando

a gente solicita também, fora do contexto do horário escolar – por exemplo, uma invasão no período da madrugada, a gente consegue recrutar aquela imagem e abrir uma investigação num caso de furto ou roubo. E a terceira ação mais importante, além da tecnologia, nós temos alarmes também, não em todas as escolas ainda, estamos implementando, mas temos em grande parte das escolas. Nós temos a vigilância física; nós contratamos, em 2021, vigilância noturna para todas as escolas da rede. Com a vigilância noturna, o que a gente buscava? A gente buscava mitigar furtos, roubos e ações de depredação, principalmente roubo de fio e patrimônio, nas escolas da rede, que a gente estava tendo muito nos anos de 2019 e 2020. Com o primeiro ano de implementação da vigilância noturna, nós zeramos os furtos, os roubos e as invasões. O que a gente fez? A gente ampliou o serviço para 24 horas. Então, hoje, nós temos 24 horas de vigilância física. Nós temos um vigilante dentro de cada uma das 98 de escolas da rede municipal de educação. E essa vigilância ajuda a mitigar ações de risco também dentro das escolas, por exemplo, brigas num ambiente escolar, invasões, às vezes, externas, qualquer situação de risco dentro da escola consegue ser, em primeira frente, combatida pela vigilância física dos vigilantes da rede privada que hoje estão prestando serviço para a SMED. Isso fez com que o trabalho da Guarda Municipal não fosse tão onerado. Agora, a Guarda Municipal tem um efetivo de cerca de 200, se eu me engano; esses 200 prestam um excelente serviço, sempre que requisitados pela Secretaria de Educação ou pela Prefeitura. E, agora, com a vigilância, a gente conseguiu ter uma resposta imediata no ambiente escolar e desonerou a Guarda para que a Guarda aja em situações de alta gravidade.

Para resumir, para não alongar muito a minha fala, para a gente fechar com chave de ouro, o que veio a adicionar o botão do pânico? Já vou colocar esse assunto em pauta porque eu sei que vai ser cobrado. O botão do pânico vem para fechar com chave de ouro as ações de segurança no momento em que todas as nossas ações são coesas e funcionam junto com as forças de segurança. O botão do pânico vem para, com um aplicativo de celular, em dois cliques, a direção mostrar para a força de segurança que nós temos uma

situação de alta gravidade acontecendo no ambiente escolar e que não vai haver necessidade de uma ligação ou uma conversa telefônica por parte da direção para a força de segurança. Resumindo, a direção apertou o botão vermelho do pânico, a força de segurança vai imediatamente ser deslocada para a escola, com o georreferenciamento, sabendo onde está aquela pessoa e quem ela é. Isso casa com as nossas ações da SMED em segurança e faz com que fique ainda mais efetiva essa resposta para situações de alta gravidade – que a gente espera que não aconteçam na rede municipal. Eu quero só dar um espaço para a Célia fazer explicação do CIPAVE, que é importantíssimo.

SRA. CÉLIA CRISTIANE PERES: Boa tarde a todos, para nós é uma satisfação podermos estar aqui, tendo em vista que este momento é crucial para que a gente possa pensar, sim, ações pedagógicas, ações estruturais e técnicas em relação ao que vem acontecendo, ou seja, a violência nas escolas, a violência, vamos dizer assim, até em termos de País. Eu, como coordenadora da equipe de projetos e parcerias na SMED e à frente do CIPAVE, uma das responsáveis pela implementação do CIPAVE em 2022, que é uma proposta deste governo municipal, penso que nós temos, sim, que parar por um momento e pensar, refletir e buscar ações efetivas, pedagógicas e técnicas, que foi o que o Guilherme passou aqui, para que isso minimize. Então eu gostaria de expor – não sei quanto tempo eu tenho – o que nós temos na SMED, então toda essa parte técnica que está atrelada a essa parte pedagógica e, vamos dizer assim, voltada para as questões humanas, humanitárias. Então, desde 2018, como o Guilherme falou, nós temos o programa Acesso Mais Seguro, que é um programa em parceria com o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, que está presente em mais de 100 países no mundo e trabalha o desenvolvimento de comportamentos mais seguros em áreas de risco. Como é que é feito isso? É feito por meio de formações, capacitações dos profissionais das escolas, e eles atuam como multiplicadores nas suas unidades, para que as pessoas possam saber como agir num momento por que muitas escolas muitos territórios passam, tipo tiroteio, violência das mais diversas, ameaças, invasão, assaltos, como se

comportar. Então o que isso ocasiona? Os beneficiários diretos, que são alunos, professores e funcionários da escola; e os beneficiários indiretos, que é a comunidade que está ali sendo, vamos dizer assim, contemplada também com esse programa... Esse programa nos acompanha, então, desde 2018; existe uma plataforma digital, que é o que o Guilherme falou, com quatro cores, e as escolas sinalizam. A gente procura atualizar as capacitações; inclusive, já fizemos agora, há duas semanas, a primeira capacitação de 2023 para os profissionais e atualização. Também temos os círculos de construção de paz. A gente sabe – acho que faz dois dias – que o governo federal lançou e aprovou, como lei ou como proposta – eu até não me aprofundi muito –, como algo que tem que acontecer nas escolas, e nós, Porto Alegre, já temos isso, já faz alguns anos. Em 2018, 2019, nós participamos de capacitações em parceria com o Estado, e, no ano passado, com a implementação do CIPAVE, houve um investimento financeiro por parte do governo pagando então os cursos da Ajuris, que são, dentro da proposta da justiça restaurativa, que são os círculos de construção de paz. Nós temos vários facilitadores na rede, vários facilitadores nas escolas, e que podem, sim, desenvolver esse trabalho de forma muito dinâmica e muito atuante. Além, então, das comissões Cipave, compostas por um representante da comunidade, pais, um aluno de 8º ou 9º ano, e dois professores que podem ser da equipe diretiva. O que que essa comissão faz? Ela vai assessorar diretamente a direção da escola e vai perceber o clima institucional dessa escola para buscar ações junto à mantenedora, junto à Cipave/SMED para que possa minimizar todas as situações. Isso já está ocorrendo, já vem ocorrendo, e qual é o nosso papel Cipave/SMED? Subsidiar essas comissões. Desde o ano passado, poder torná-los fortes, pelo perdão da palavra, mas preparados para realmente ajudar lá na escola e auxiliar em momentos de crise e até de acidentes que podem ocorrer. Então no ano passado nós tivemos momentos de reuniões com essas comissões, tivemos *lives* no retorno da pandemia – e a gente sabe que isso abalou muito as crianças e os adolescentes – com um propósito, com temática voltada especificamente para isso, tivemos *live* de prevenção ao suicídio e toda a questão social emocional

que é importante, a gente sabe que existe um índice bem alto de abalo de mental das pessoas em geral, não são só os alunos não, também são os pais, são os professores, todos nós estamos frente a algo novo que ninguém esperava, e quando ninguém espera uma situação, fica complicado agir de forma muito rápida. Qual será a forma rápida e assertiva? Já pensamos, já nos colocamos no lugar, por exemplo, de uma mantenedora, qual é a ação que seria efetiva para poder minimizar situações de pandemia, para poder minimizar situações de crise, de risco de violência? Alguém tem isso, essa receita pronta? Não, ninguém tem, frente ao inesperado, ninguém tem, então a gente preciosa construir. Nós já temos uma base que está realmente assim funcionando nessa questão que foi a Cipave, e desde março a gente vem fazendo atendimento direto até na escola e dando suporte. Nós somos uma equipe pequena, mas que trabalha de forma contínua, árdua, sem parar e com muito amor pelo que faz. E a gente tenta atender então as nossas escolas com situações que ocorreram, bem sérias, bem graves, nós estivemos nas escolas, presentes, e também junto às comissões. O que aconteceu depois disso? Nós temos um grupo CIPAVE aqui que nos une às Comissões, então ali nós vamos conversando, alinhando com as escolas e também realizando reuniões. Está previsto já para amanhã uma *live* pelo YouTube, promovida pela Cipave/SMED, que é “A educação na mira: como lidar com as inseguranças trazidas à tona por tantas ameaças e qual o papel das redes sociais neste cenário?”. E aí vem as perguntas: como compreender as ameaças recebidas recentemente por redes sociais nas escolas? Venha participar dessa discussão tão importante e urgente. Quem fará esta discussão: a palestrante Dra. Letícia Ribeiro Schinestsck, jornalista e pesquisadora, especialista em violência e redes sociais. Então amanhã, pelo YouTube, as 18h30min nós estaremos então como ação Cipave, uma das ações Cipave, fazendo esse trabalho junto às comissões, junto às escolas, junto às comunidades, e aqui a gente pede divulgação ampla para as famílias, para as comunidades. Aí vocês me perguntam como estão sendo tratados casos de traumas: a gente utiliza o círculo de construção de paz, que é esse que o governo federal agora nos dá mais força ainda, é para prevenção e para o pós-crise, é

para ser uma proposta pedagógica da escola. Seria uma proposta de tornar nossas escolas restaurativas, as escolas que possam fazer o processo de escuta de cada um está ali dentro, e poder, de alguma forma, minimizar. A gente sabe que para poder diminuir as questões de traumas, o melhor processo que se tem é a escuta. Então os círculos de construção de paz propiciam a escuta de cada indivíduo no seu momento de falar, eles ganham o objeto da palavra e tem seu momento de se expressar. Isso para crianças, para adolescentes, para os professores, para os profissionais. A gente também tem ido a algumas escolas, mas como eu disse, nós somos poucos, para fazer essas vivências, inclusive nos sábados também tem uma equipe para fazer as vivências com os professores que também necessitam ter esse olhar, por que é um desafio para todos nós, é algo que a gente não espera, algo que a gente não deseja, então a gente tem que ter ações para que façam isso. Estava então dentro dessa ameaça o dia 20 como dia específico lá. As nossas escolas, muito criativas, nos dando muita surpresa via comissões Cipave, a gente até se emociona um pouco de fazer esse olhar, elas estão se superando nessa questão da cultura da paz. Eles construíram um dia, quinta-feira, desmistificando aquilo que nos assusta, nos apavora, que é real e que realmente aconteceu e que nos dá medo em todos nós, mas eles estão construindo e colocando no grupo aqui, a gente podendo acompanhar a criatividade em busca da cultura da paz. O nosso papel agora, Cipave, é nos dedicar para esse processo de escuta pela divulgação da paz. Nós precisamos de paz, nós precisamos de respeito à opinião contrária, nós precisamos de respeito às diversidades, à tolerância geral, e isso está na nossa Constituição. Não precisa nenhuma lei mais, para mim, ao meu ver: quem leu e conhece a Constituição Federal de 1988 sabe que deve existir a igualdade Independente de qualquer situação. Então é isso aí que nós queremos. E a gente quer, sim, que essa cultura da paz esteja presente nas nossas escolas cada vez mais. E aí alguns pensavam: “Vamos colocar que estamos em luto”. Não, nós vamos colocar “Queremos paz”, e nós vamos trabalhar pela paz. Então acho que eu trouxe um pouquinho do que a gente tem feito, eu agradeço essa participação, espero que eu tenha contribuído.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Célia. A Célia e o Guilherme representaram aqui a Secretaria Municipal de Educação. Eu quero pedir que os demais integrantes da Mesa, quando forem se manifestar, registrem o seu nome para facilitar o trabalho da Taquigrafia.

Enquanto a Secretaria Municipal de Educação se manifestava chegou aqui o presidente da Comissão, Mauro Pinheiro. Quero te agradecer, Mauro, por essa pauta que a gente está discutindo aqui hoje. Peço ao Lucas, que representa o fórum dos presidentes de conselhos escolares aqui na cidade e a Rosele de Souza, do Fórum de diretores e diretoras das escolas para completarem nossa Mesa.

Passo a palavra à Luciane, da ATEMPA. Muito obrigado Luciane que ATEMPA tenha aceitado o convite de estar aqui debatendo com a gente.

SRA. LUCIANE CONGO: Boa tarde. Estou aqui representando a Associação de Trabalhadores em Educação do município de Porto Alegre. A Rosele, que é diretora e está representando também o Fórum das Direções também é integrante da associação. Quero saudar todas e todos os representantes do movimento estudantil, da SMED, o Ver. Giovanni Culau, já saudando a iniciativa desta proposição que é extremamente importante, não só neste momento, saudando a todos os vereadores da Mesa, a Ver.^a Abigail, Ver. Mauro Pinheiro, Ver. Gilson Padeiro, Ver. Giovanni Byl. Dizer que é muito importante que nós estejamos aqui no Parlamento, na Câmara de Vereadores, porque é poder e dever do Legislativo fiscalizar a administração, cuidar da aplicação dos recursos, verificar as ações do Executivo. Por isso eu também quero dizer que é muito importante a presença dos vereadores e das vereadoras nas escolas, é muito importante que visitem, que observem a infraestrutura, que observem a precarização, os recursos humanos, o atendimento, que observem se as escolas estão dando conta do que têm que dar conta, do acesso, da permanência. É muito importante isso. As escolas são locais públicos onde nós estamos na ponta, exultando a política pública de garantir a educação de qualidade para comunidade. E este tema da segurança pública, que não é para mim um tema

da segurança, mas é um tema da educação e é um tema da nossa sociedade, volto a dizer: extremamente importante, inclusive dizer que a ATEMPA, enquanto associação, fez várias tentativas de conversar com a Secretaria Municipal de Educação sobre esta questão entre outras. Infelizmente nós não tivemos êxito em sermos atendidas. Porque nós temos visitado as escolas, temos conversado com nossos pares, temos conversado com a comunidade e observamos que nós temos muitas dificuldades nas escolas.

Eu sou professora da Escola Afonso Guerreiro Lima, da Lomba do Pinheiro, e ainda na semana passada nós estávamos com as funcionárias sem receber. Isso não é um fato isolado, isso é algo corriqueiro na rede municipal de Porto Alegre – corriqueiro. Nós temos, às vezes, as crianças sem merenda; às vezes, sem os serviços gerais, em função de contratos, desculpa a palavra, malfeitos em função de metodologias equivocadas para tratar o serviço público. Além disso, a questão de vários outros, talvez, inadequados investimentos que chegam às escolas, em detrimento do que é a necessidade das escolas; às vezes, nós estamos lá abarrotados de materiais que chegam às escolas que não são, necessariamente, a necessidade da escola. Então é extremamente importante que a gente restabeleça, para dar conta dessa política pública, primeiramente, um diálogo, fortalecendo a gestão democrática e a articulação da Secretaria, do Executivo com a comunidade escolar.

Nós vivemos momentos de medo nessas últimas semanas, mas nós, cotidianamente, nas escolas, temos muitas dificuldades em dar conta do atendimento dos alunos, por falta de recursos humano, por falta de monitores para dar conta dos nossos alunos de inclusão. E aí quando o representante da SMED fala de conceito de lugar seguro, de senso, de pertencimento, de que nós vivemos num território de alta vulnerabilidade, é verdade; e é nesses mesmos territórios que a assistência social está precarizada; são nesses mesmos territórios que a saúde está precarizada, são nesses mesmos territórios que o transporte não chega. Então isso é uma necessidade para poder garantir segurança, para poder garantir qualidade da educação, e que a escola possa fazer a prevenção necessária, nós temos que ter articulação e valorização de

políticas públicas, concurso público. E aqui ao lado dos meus colegas da Guarda Municipal, também é um setor onde faltam recursos humanos, para a gente poder ter uma Guarda Municipal preventiva e comunitária, articulada, que possa dar conta do trabalho, precisa ter recursos humanos, e para isso precisa ter concurso público, precisa ter valorização do serviço público e dos servidores.

A gente entende que esse é um tema amplo, que nós temos que observá-lo de diversos vieses e dar conta dele em diversas esferas. Mas eu quero dizer aqui que, para dar conta disso, a gente precisa garantir também o acesso à educação, a permanência dos nossos alunos. Nós não podemos estar fechando escolas, não podemos estar fechando turmas. Nós estamos com algumas turmas fechadas nas escolas de educação infantil, porque não têm recursos humanos. Nós estamos com turmas fechadas; estamos fechando turmas de educação de jovens e adultos. Então, nesse sentido, para terminar mesmo, nós precisamos de articulação de políticas públicas, valorização do serviço público para garantir a qualidade da educação, assistência social à saúde e também à segurança. Obrigada.

PRESIDENTE GIOVANE CULAU E COLETIVO (PCdoB): A gente que agradece, Luciane. Eu quero aproveitar para citar a presença da Viviane, da EMEI JP Pica-Pau Amarelo, do Pedro, do MAP Educação, do Jailson, também da Coordenação dos Simpa.

Passo a palavra para o Anderson. UMESPA, UGES, entidades estudantis estão se preparando para amanhã, um dia de mobilização em torno do debate do novo ensino médio. Então tem uma agenda logo mais.

SR. ANDERSON CONCEIÇÃO FARIAS: Primeiro, saudar a todos. Sou o Anderson, presidente da UMESPA – União Metropolitana dos Estudantes Secundários de Porto Alegre, e eu queria saudar todos os vereadores, a Biga, o Mauro Pinheiro, o Giovani Byl, o Gilson Padeiro, que acho que é muito importante mesmo, como a Luciane falou aqui, de a gente utilizar desse espaço aqui para discutirmos sobre a educação e a escola que temos hoje. Então a

gente viveu na semana passada, da noite de domingo para segunda-feira e até hoje, inclusive, momentos que foram, para mim, eu nunca tinha visto, onde o estudante tinha medo de ir para escola. E isso se deu devido às ameaças que aconteceram, de ataques às escolas, inclusive os ataques que aconteceram em São Paulo e Santa Catarina, e isso se instaurou um pânico, um caos, não só em Porto Alegre, mas no Rio Grande do Sul no geral, o que foi muito ruim e tem afetado, inclusive até hoje os estudantes e as escolas, porque a gente encontra hoje, tanto em escolas municipais como estaduais, as salas de aula vazias, por medo, tanto dos alunos, como dos pais em mandaram os filhos para escola. A gente sabe, quando a gente fala de uma escola segura e acolhedora, que é a pauta da reunião, a gente quer falar além de segurança, no sentido, por exemplo, de ter um guarda ou um policial na escola. A gente fala no sentido de a escola ser um espaço onde não tenha espaço para violência e para discriminação, por exemplo, para o ódio. A escola ser um espaço onde o estudante chegue, construa no dia a dia e se sinta parte da escola. Então a gente sabe hoje que a educação tem os seus problemas, as escolas têm seus problemas muito estruturais, por exemplo, que acabam atrapalhando isso. A gente sabe que hoje não temos isso na escola. A gente precisa pegar de exemplo mesmo para nunca mais acontecer e, de fato, saber e botar na nossa cabeça e de todo mundo a importância da escola na vida no geral, tanto na vida pessoal das pessoas quanto no desenvolvimento, por exemplo, de Porto Alegre, do Rio Grande e do Brasil. Então a gente sabe que hoje falta muito essa identificação do estudante com a escola, muito por falta de estrutura, enfim, até mesmo recursos humanos. Inclusive a gente escreveu uma carta onde a gente fala da importância da escola, mas a gente também fala da importância de estar fiscalizando, investigando e combatendo esses grupos. Hoje a Internet, infelizmente, acaba sendo uma terra sem lei, a gente sabe que diminuiu, de certa forma, o assunto, baixou a poeira, vamos dizer assim, mas a gente sabe que não acabou ainda. A gente sabe que ainda existem ameaças, enfim, então eu acho que é muito importante a gente combater isso também em Porto Alegre. Então utilizar a investigação, enfim, para a gente estar terminando com isso, mas de importância também para, primeiro,

não se repetir o que aconteceu em Santa Catarina e São Paulo, mas também para a gente fortalecer ainda mais nossas escolas aqui, fortalecer o debate, a discussão sobre assuntos que fazem parte da vida do estudante; sobre cultura e esporte, levar isso para dentro da escola. Fazer a discussão da importância da escola, porque, muitas vezes, é imposto ao estudante que, na verdade, a escola é só o lugar que ele tem que chegar ali às 7h30min, copiar o que está no quadro e ir embora para casa. A gente sabe que a escola não é só isso, a escola é um momento de a gente conviver com o diferente também, com a adversidade. Eu acho que é muito nesse sentido. A UGES e a UMESPA estão disponíveis para fazer esta discussão, inclusive, sobre a escola que a gente quer, a segurança, enfim. Infelizmente, a gente vai ter que sair agora, a gente vai ter um grande evento amanhã, como o Ver. Giovani falou, inclusive uma das pautas é a questão da segurança nas escolas, de ter uma escola democrática e acolhedora. A gente está à disposição da Casa, enfim, dos vereadores para estar discutindo, porque a educação é uma preocupação não só do estudante, não só do professor, do funcionário, da população em geral, mas é uma preocupação desta Casa também, dos vereadores que têm poder, de certa forma, de estar mudando as coisas também. Então é isso, estamos à disposição, a gente participou da última reunião também, onde lemos a nossa carta. Se os vereadores quiserem, depois, receber a nessa carta, a gente entrega também, acho que é importante. Deixamos a nossa saudação e pedir desculpa que precisamos sair.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Prefeito Anderson, muito importante que os estudantes sejam também protagonistas desta discussão. A Sra. Simone Silva Dorneles, que representa aqui o Conselho Municipal de Educação, está com a palavra.

SRA. SIMONE SILVA DORNELES: Boa tarde a todas, a todos e a todes. Eu sou professora da rede municipal de ensino, estou lotada na Assessoria Pedagógica do Conselho Municipal de Educação, no qual atuou, trabalho há 10 anos. O Sistema Municipal de Ensino de Porto Alegre tem uma belíssima história com

mais de 30 anos e construiu, nesse período, normativas traduzindo os princípios constitucionais, como bem colocou a Célia, a partir das diretrizes nacionais exaradas pelo Conselho Nacional de Educação, desde os anos de 1990, e mais recentemente, também, a partir dos estatutos da pessoa com deficiência, da igualdade racial e os outros estatutos.

O Conselho Municipal de Educação tem normativas como a Resolução nº 13, de 2013, que trata da educação inclusiva, são diretrizes para a inclusão de pessoas com deficiência, transtorno de espectro autista, altas habilidades e superdotação na rede pública municipal. Essas diretrizes também têm amplitude, porque faz parte da responsabilidade da SMED, como administradora do Sistema e do Conselho Municipal de Educação, e também são referência normativa para as escolas privadas de educação infantil. Desde 2013, nós temos essas diretrizes para a educação especial, e por que eu trago. E também irei comentar brevemente outras diretrizes que o Conselho já exarou nos últimos anos e nos seus 30 anos de trabalho. Porque essas diretrizes, como a diretriz para educação e para os direitos humanos no ano de 2018, mais recentemente as diretrizes para a educação das relações étnico-raciais, a Resolução nº 25. Nós temos várias normativas que orientam a rede municipal de ensino, a mantenedora das escolas municipais e as escolas privadas de educação infantil na construção de projetos político-pedagógicos, regimentos escolares para que trabalhem na perspectiva da educação para os direitos humanos, da cultura da paz e da inclusão na perspectiva do respeito às diferenças, à diversidade. Nós temos um plano municipal de educação em vigência que também traz vários princípios para mantenedora da rede municipal, para as escolas privadas de educação infantil e para todos nós. No momento, eu estou aqui como assessora, representando o Conselho Municipal de Educação, porque o Conselho está vivendo uma transição, já foi publicado no DOPA a composição do novo colegiado, inclusive o Guilherme Todeschini está com assento como um dos conselheiros e conselheiras, eu poderia citar outras pessoas representando o Executivo Municipal. Nós estamos, então, em equipe de assessoria, mas foi muito importante o convite, compartilho aqui com colegas da própria rede, com a

mantenedora e também com todo um coletivo de entidades que já tiveram assento no Conselho e que assumirão assento no Conselho. Novas entidades também concorreram uma vacância, uma vaga, e lograram isso, é importante, porque isso fala da gestão democrática no Sistema Municipal de Ensino. Nesse sentido, então, viemos para destacar que, para a orientação dos projetos político-pedagógicos, dos regimentos escolares e até como subsídio para práticas que, há alguns anos, as escolas da rede municipal, de fato, têm e desenvolvem como círculos restaurativos, os círculos de educação para paz que iniciaram numa parceria, há muitos anos, com o Ministério Público que ofereceu as primeiras formações, e colegas da rede foram. Essas todas normativas que eu citei, e temos várias outras, estão disponíveis no *link*, no *site* do CMR, também podem ser acessadas pela página da administradora do Sistema, Secretaria Municipal de Educação, trazem como responsabilidade para mantenedora, Secretaria Municipal de Educação, e para as escolas, sejam elas da rede municipal ou sejam as escolas privadas de educação infantil, a responsabilidade da criação de planos de ação para que elas possam se traduzir de normas em práticas pedagógicas relevantes que promovam, o que bem foi colocado aqui, a identidade, o sentimento de pertencimento e a cultura da paz nas escolas. Então essa seria a contribuição, desde o Conselho Municipal de Educação, e o convite também para que os vereadores e vereadoras possam se aproximar desse colegiado, possam interagir. Tem sido uma prática consultas desta Casa ao Conselho Municipal de Educação, com a própria SMED, então que haja essa aproximação com o colegiado porque é de relevância, é de relevância para que essas ações possam se concretizar, sejam nas escolas da rede municipal ou sejam nas escolas privadas de educação infantil em todo o território do Município. Muito obrigada.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): A gente que agradece, Simone. O Sr. Silvio Leal, que representa aqui a Diretoria dos Direitos Humanos da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, está com a palavra.

SR. SILVIO LEAL: Boa tarde a todos. Gostaria de agradecer o convite da Comissão e parabenizar pela iniciativa desta discussão. Eu estou aqui representando a diretora Márcia, eu vim hoje para ouvir, participar da discussão, mas ouvir mais e levar essa discussão também para dentro da Secretaria onde existe a Diretoria dos Direitos Humanos. É importante que a gente também leve para Secretaria todo esse tema, a questão das escolas, visto todos os acontecimentos que a gente tem acompanhado, e os direitos humanos faz parte também dessa discussão. Então é importante que a gente leve todas essas demandas ou a discussão para a Secretaria de Desenvolvimento Social. Eu, mais uma vez, queria agradecer o convite e dizer que a gente está à disposição para esta discussão, assim como com as outras secretarias e também com as entidades. Obrigado.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado Silvio. O Sr. Kaick Pereira da Silva, representando a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, está com a palavra.

SR. KAICK PEREIRA DA SILVA: Boa tarde, gente, escutam bem? Eu queria primeiro cumprimentar a Mesa que está bem grande. Fico feliz que tenham pessoas interessadas em debater a segurança das escolas. Sou o Kaick, vice-presidente Sul da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, a maior entidade da América Latina, representação dos estudantes, mas queria dizer que a pauta da segurança e paz nas escolas não vem de hoje. Não é só por esses ataques que vêm acontecendo, mas as entidades do Movimento Estudantil já pautam a segurança ao entorno e dentro das escolas já faz muito tempo. Hoje a gente enfrenta um sucateamento muito grande na parte da segurança, dentro das escolas. Isso também é resultado, esses ataques que estão acontecendo, de quatro anos discurso de ódio. Isso tem culpa, inclusive discurso de ódio do qual o prefeito de Porto Alegre é a favor. Ele era a favor do Bolsonaro e isso é resultado, sim, de uma política de quatro anos do discurso de ódio que teve à frente da Presidência do nosso país. E a gente não teve política nenhuma para

combater o ódio, inclusive hoje a gente também enfrenta, dentro desses ataques, muitas *fake news* também porque a galera se apavora e as pessoas se aproveitam da situação para espalhar o caos nas cidades e no Estado. Eu fico muito triste que isso esteja acontecendo porque o ódio não deveria nem chegar perto e dentro das nossas escolas. Hoje, como já foi citado aqui pelas professoras, a gente sente muita falta de atendimento psicossocial, dentro das nossas escolas. Hoje muito da nossa galera enfrenta vários problemas, em Porto Alegre tem muita comunidade periférica por aí, tem várias pessoas com problema dentro de casa, vários estudantes que vão muito além do que acontece. Tem estudantes que são abusadas, tem estudantes que apanham dos pais e das mães, tem várias coisas que acontecem dentro de casa que, muitas vezes, a gente não discute dentro da escola. Eu acho que está aqui o papel da Casa do Povo, da Câmara dos Vereadores de fazer esse debate, mas também cobrado do prefeito medidas para que a gente possa combater o ódio dentro das nossas escolas. Hoje a gente vê várias situações também de racismo dentro das escolas, que foi o que causou a morte de uma professora, em São Paulo, morta à facada, pelas costas, enquanto ela fazia a chamada. Eu acho que hoje também entra muito a questão da valorização dos nossos professores dentro das nossas escolas, hoje eles são muito mal valorizados por todas as coisas que eles têm para fazer, dentro da escola. Hoje, além do professor ter que dar aula, ele é pai também dentro da escola, algo que não deveria ser da sua responsabilidade, mas isso acaba acontecendo, dentro do ambiente escolar. Vejo que hoje também muitas vezes as pessoas não querem sentar com as entidades do Movimento Estudantil e com as entidades representativas dos professores para conversar sobre a pauta. A gente fica muito triste com isso, a gente fica chateado, porque a gente vai conseguir discutir, de fato, uma segurança dentro das escolas e ao redor a partir do momento em que a gente tiver maturidade suficiente para poder sentar junto com as entidades do Movimento Estudantil, mas também sentar junto com o Sindicato dos Professores e com a comunidade escolar para a gente poder debater hoje uma segurança ao entorno da escola e dentro dela. É muito fácil a gente falar hoje que tem vários programas acontecendo e tudo mais, mas

as pessoas que deveriam ser escutadas realmente não estão sendo escutadas, e isso prejudica a cada vez mais o nosso trabalho. As entidades do Movimento Estudantil também hoje encontram dificuldade para fazer um trabalho dentro das escolas muito também por conta do decreto que o prefeito Melo lançou, na semana passada, proibindo as entidades do Movimento Estudantil ou entidades que queiram entrar dentro das escolas para fazer esse debate, algo que nos prejudica cem por cento, porque hoje as entidades do Movimento Estudantil entram dentro das escolas para fazer um debate em relação à merenda escolar, para fazer um debate sobre a falta de professores, a gente entra dentro da escola para fazer um debate em torno da segurança, do que a gente vem sofrendo no cotidiano da escola. E esse decreto só prejudica cada vez mais o nosso trabalho e prejudica mais ainda o trabalho de vocês também, porque a gente quer debater, dentro da escola, o acesso à escola, a questão da passagem, a questão do assédio dentro da escola, a questão do racismo, a questão do machismo dentro da escola, e esse decreto só prejudica o trabalho das entidades do Movimento Estudantil, pois a gente quer ajudar a desconstruir esse pensamento hoje da sociedade, um pensamento dessa política de quatro anos que mata e que oprime. As entidades e os movimentos estudantis não vão se calar diante desse decreto, vão estar se posicionando o tempo inteiro, quando a gente achar que estamos sendo excluídos dos debates, porque realmente é o que está acontecendo. Hoje é muito bom falar de Cipave, é muito bom falar de todas essas ferramentas que a gente tem dentro da escola, mas ferramentas que estão hoje sucateadas, boa parte das vezes. E aí a gente precisa que aconteça o caos para que haja investimento, para que o poder público trabalhe em cima disso tudo. Mas as entidades e os movimentos estudantis vão trabalhar para combater essa política do ódio e também vão pressionar o poder público, pois a gente também quer poder participar das discussões da segurança da escola. Acredito que a SMED possa fazer esse convite e também aceitar o convite da Atempa para que a gente possa discutir ações conjuntas dentro das escolas, para poder combater o fascismo dentro das escolas e o terror, mas também levar muita cultura para dentro das escolas porque uma escola sem cultura não tem caráter nenhum. Se

as pessoas não têm acesso à cultura, a sociedade fica a parte do que está acontecendo.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Antes de passar para o próximo orador, quero registrar a presença da Regina Rigatto, que representa a ADUFRGS Sindical, bastante importante uma manifestação, agradecer a presença aqui na discussão. A Sra. Rosele de Souza está com a palavra.

SRA. ROSELE COZZA DE SOUZA: Boa tarde a todos, sou diretora de escola, na EMEF Professor Anísio Teixeira, sou diretora também na Atempa e no Fórum de Diretores. Eu ouvi todos e quero dizer o seguinte: tanto o Guilherme como a Célia trazem a questão do que a gente precisa fazer na escola. A Célia traz a questão da forma de tratar o trauma com a escuta. Então eu venho solicitar aos vereadores que escutem com atenção, a SMED também que escute, porque eu estou há 28 anos no serviço público, é a minha quarta gestão em escola. Estávamos nos recuperando de um trauma que foi a gestão Marchezan, que acabou com muita coisa que a rede tinha e eu queria dizer algumas coisas. A gente sabe como trabalhar, o que a gente mais sabe é como trabalhar. Resiliência, trabalhar com pouco, trabalhar, como disse o Guilherme, onde existem todas as mazelas da sociedade, a gente já sabe; agora, o que tem sido muito difícil é trabalhar com a gente tem trabalhado ultimamente. A gente não está pedindo receita de bolo, Célia, a gente está pedindo que olhem para a história dessa rede e vejam o que ela já faz. Quando tu trazes o Círculo de Paz, a Simone, do Conselho Municipal, é testemunha, o Anísio tem, no seu Regimento, a mediação de conflitos com círculos de paz, há muito tempo, mas infelizmente a gente não consegue colocar em prática. Eu fiz o último curso, sou uma das instrutoras, só que a política de RH que hoje atua, que foi construída pela mantenedora, não conversa com toda essa beleza que é e que está lá no material da Cipave. Não tem como a gente colocar em prática. Nós temos a rede que mais inclui, eu vou trazer os números da minha escola para não falar de outra, mas eu tenho os números de outras escolas também, só a minha escola

tem, como a gente diz, no sistema, que tem todos os dados dos alunos, para quem não domina os nomes, a minha escola tem 87 alunos de inclusão, para uma escola que tem 1.037 alunos. Mas esses são os que têm laudo, nós temos uma infinidade de alunos que não têm laudo e que, na conjuntura, na análise que é feita para colocar laudo, não entram. Por exemplo, os TOD – Transtorno Opositor Desafiador, que hoje é o tipo de transtorno que mais demanda dentro de uma escola, demandam atenção, demandam cuidado, demandam pessoal, porque impõem risco, esses nem entram na inclusão. Nós estamos falando de escola que trabalha com a maior parte desses alunos de Porto Alegre, porque é o Município que faz isso, e nós fazemos isso, gente, sem pessoal, com uma política enxugada de RH, uma política que não sobra gente. Eu hoje dei aula, porque as pessoas estão com covid de novo, porque as pessoas estão doentes. E eu vou dizer para vocês que eu não posso nem me queixar, porque a minha escola não é a pior escola em termos de RH, não é a que mais tem falta. Quando a gente pede a escuta, a gente fala disso, a gente fala de uma política que converse com aquilo que está sendo colocado nas escolas. Que ótimo que a gente está recebendo o curso, que ótimo que a gente está recebendo muito material, mas a gente precisa de elétrica nas escolas, a gente precisa que conserte o telhado, que tire os pombos que estão lá na minha escola, daqui a pouco, causando uma situação grave. E não é lá a Roseli que consegue fazer isso, porque o dinheiro, que eu administro muito bem, ele não vai chegar para isso. A gente está falando de outras coisas. Na política de RH que hoje a gente tem, não sobra carga horária para fazer esse olhar. Como o aluno, o representante falou agora, o Kaick também falou, a gente precisa duma investigação, a gente precisa de serviço de orientação educacional atuando, a gente precisa de coordenador de turno, aquele que circula, porque a gente tem o vigilante, o.k., mas a gente não tem mais porteiro. E a gente tem um, numa escola com três turnos de funcionamento, com 1.037 alunos, eu tenho um professor para coordenar turnos manhã e tarde. É esse que teria que estar circulando, mas é esse que entra em aula também, quando eu não tenho ninguém para pôr. Aquelas mães que precisam, que vêm, que estão alucinadas,

com toda a razão, porque eu também sou mãe, a minha filha estuda numa escola onde um adolescente resolveu fazer uma brincadeirinha e entrar na sala, e a escola está num pandemônio hoje, os pais estão apavorados. Essa professora que está lá no SOE, ela não tem como atender à mãe, porque ela também está entrando em aula. Gente, a gente precisa de RH. As pessoas que foram chamadas no contrato estão entrando nas próprias vagas, porque os chamamentos estão sendo feitos, mas as pessoas já estão no contrato, e contava na pontuação quem tinha mais tempo de contrato. Então, quem é que vai assumir o contrato? As próprias pessoas que já estão no contrato. A gente precisa conversar mais, e aí é escuta. A gente está tentando, a gente tem uma série de coisas, a gente... A burocracia que virou: preenche planilha, preenche planilha, preenche planilha, acessa isso, acessa aquilo, acessa aquilo, eu já nem sei quantas contas mais, quantas coisas eu já deixei de conseguir fazer, isso que eu sou uma pessoa que trabalha da hora que eu acordo até a hora que eu durmo. Todo o mundo aqui que me conhece sabe que eu respondo Whats para a família, eu atuo em todos os espaços, mas está exaustivo. É um pedido de ajuda de quem está na escola e de quem está fazendo, porque a gente leva essa rede como poucas outras redes que a gente tem fariam. Desculpem a forma como eu estou me colocando, mas é que tem sido muito difícil. Fora isso, a gente tem que responder boato, que vocês sabem que quanto menos, às vezes, as pessoas têm acesso à educação, mais as *fakes* tomam conta. Uma coisa que a gente pegue, que está lá na rede, que é do geral do Brasil, a gente responde como se fosse lá no Anísio, como se fosse no Décio, como se fosse... Isso é muito grave. Quero agradecer à Guarda, porque a gente, na semana passada e nesta semana, teve uma situação bem grave sim, por quê? Porque, quando a gente tem um discurso de ódio, Kaick, e a gente tem pessoas vulneráveis emocionalmente, e são esses alunos que eu trouxe para vocês, de TOD, isso é uma bomba sem cronômetro para explodir. Eles estão pelas nossas escolas, eu tenho alguns lá. Inclusive, a sorte que, quando a gente tem essa atuação nas escolas, que eles nos conhecem, eles também nos veem como uma proteção, então a gente recebe muita coisa. Eu recebi de alunos, e a gente faz um trabalho

para ficar alerta na rede do colega, dar uma olhada, se achar estranho aquilo ali, é melhor pecar pelo excesso do que pela omissão, traz para a profe, a gente vai ver, e foi assim que me chegou. A gente está tendo sim, gente, situações de alunos vulneráveis que a gente não sabe se aquilo é só para aparecer, se é só uma postagem, ou se realmente a gente vai ter alguma coisa. Aí temos a Guarda, a Brigada, incansavelmente, nos ajudando. É preciso valorizar o serviço público, não é parceria, não é a parceria que vai dar conta disso, não é. Precisa gente que sabe o que está fazendo, que representa esta cidade, que fez uma opção por ser servidor público, é disso que a gente está falando. Eu peço que vocês olhem para isso não só agora, como disse o Kaick, mas daqui para frente, que a gente possa olhar para essa rede e ver do que é que a gente está precisando. Não é gasto, gente, é investimento. Não adianta construir muros, os nossos alunos vão aonde eles querem, porque eles têm o direito de ir, só que eles têm o direito de ter o que todo o mundo tem também. Não adianta a gente querer se cercar lá, quem acha que está lá na zona chique, não adianta. A nossa sociedade só vai ser melhor, quando todo mundo estiver bem, com o mínimo para viver. E isso passa por aqui, passa pelo que a gente está falando, passa pelo investimento na educação pública. Eu agradeço, peço desculpa pela minha pela minha emoção, mas era isso que eu queria trazer. Tem muito mais coisa, quando quiserem nos ouvir, o Fórum de Diretores está louco para vir e falar, certo? Obrigada.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Rosele, se eu estivesse aí do teu ladinho, eu te dava um abraço, e tenho certeza de que não só eu. Esse depoimento que tu trazes é fortemente acolhido aqui na nossa Comissão de Educação. Eu acho que tu encerras já deixando, Mauro, uma perspectiva de pauta, junto com o Fórum de Diretores e diretoras, para a gente tratar como um todo da situação das nossas escolas. Quero te agradecer mais uma vez, Rosele.

O comandante Franco está com a palavra.

SR. CARLOS FRANCO: Boa tarde a todos os Srs. Vereadores, meus colegas da Prefeitura e todos os presentes; junto comigo, meu colega Marco Aurélio; eu sou comandante regional da Guarda Municipal, eu comando o Comando Sul da Guarda, e o Marco, o Comando Norte. Nós somos responsáveis por todo atendimento da rede de ensino da cidade. A escola da professora Rosele é atendida pelas minhas equipes; a escola da ATEMPA, atendida também pelas minhas equipes. Eu quero trazer, inicialmente, alguns números. Com essas equipes, nós temos 9 grupamentos de atendimento, nós, na Guarda, chamamos de áreas de atendimento. Elas são equipadas com 23 viaturas, que estão incumbidas do patrulhamento preventivo nas escolas, tanto EMEFs quanto EMEIs, fazendo suas entradas, saídas dos alunos, períodos de intervalo. O Guilherme trouxe algumas medidas que são adotadas pela SMED, mas eu quero falar sobre algumas medidas já adotadas pela Guarda Municipal em paralelo à SMED. Nós temos um monitoramento 24 horas pelos agentes da Guarda, no Ceic, são 32 agentes que estão fazendo esse monitoramento. Temos o colega que é da SMED acompanhando as câmeras, mas estes outros 32 servidores se revezam nesse monitoramento. Nós temos uma central de alarmes monitorada pela Guarda, pelo sistema Sigma, que atende grandemente nas EMEIs, mas na totalidade das UBS. Então, junto a isso, os patrulhamentos que foram mencionados. Eu fico muito feliz com a fala do colega da UMESPA, infelizmente ele já se retirou. Todas essas medidas que nós trouxemos, tanto o Guilherme quando nós, da Guarda, elas não são eficazes, se não houver a participação. A Guarda, eu me atrevo a dizer que, em Porto Alegre, é a tropa mais acolhedora de todas as forças policiais. O mote sempre do trabalho da Guarda Municipal é o acolhimento, a garantia do direito das pessoas, a defesa da continuidade do serviço público. Eu fico muito feliz quando os estudantes trazem essa pontuação, isso é algo que para nós sempre foi muito caro, nós queremos a participação das famílias, dos professores dos alunos das turmas mais elevadas – sexto, sétimo, oitavo e nono anos –, o pessoal que já tem uma compreensão um pouco maior das dificuldades que se tem nas escolas. E nos colocamos à disposição, em nome do nosso comandante-geral Marcelo Nascimento, para as discussões

necessárias com todas as instituições, todos os grupos que acharem necessário, para construirmos medidas para melhorar o atendimento. Como falou um dos nossos colegas, o policiamento comunitário é o DNA da Guarda Municipal de Porto Alegre, então nosso primeiro cliente sempre é a SMED, embora a mesma guarda que atende a SMED atenda a FASC, a SMS e todos os outros serviços. A nossa contribuição aqui é estarmos sempre à disposição para essa discussão, para construir medidas para um melhor atendimento.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado pela participação. O Lucas Silveira, representante do fórum de presidentes e presidentas dos conselhos escolares.

SR. LUCAS SILVEIRA BIERHALS: Boa tarde pessoal, tudo bem? Boa tarde a todos, eu faço parte do Fórum de Presidentes de Conselhos Escolares, estou como presidente do conselho escolar da EMEF Jean Piaget, temos aqui representação da diretoria também. A nossa escola está muito assustada, não só nós, mas podemos ver no Fórum que nas redes privadas também está existindo um pânico geral. Eu fico um pouco surpreso de ver todo esse pânico, que não é só de Porto Alegre, também em Alvorada, nas cidades vizinhas, em Santa Catarina, tudo isso acontecendo só que a gente não está sentindo segurança da mantenedora – a gente não está sentindo segurança. Foi apresentado um aplicativo que, se não me engano, já existia, tem o trabalho da CIPAVE, participei das reuniões, mas as coisas não estão nos dando segurança. A Guarda está fazendo das tripas coração, mas o que acontece? A gente vai ter que esperar a perda de alguma vida dentro de uma escola para depois tomar ação ou a gente prefere trabalhar com a prevenção? A prevenção sai caro, gasta-se muito dinheiro, mas não tem cifra maior do que a vida de uma criança. Eu acho que é importante a gente pensar nisso, porque todo efeito tem uma causa, se a gente parar para pensar. Infelizmente o que está acontecendo aqui, esse efeito, até meio das brincadeiras, um gurizão vem e quer brincar, quer assustar, até isso aí tem uma causa, e a causa vem já há um bom tempo, no

País inteiro. Com todo respeito, mas a gente passou por um governo que incentivou muito o ódio, foi um erro cometido por aquele governo; infelizmente, atualmente temos um prefeito que apoia aquele governo – decisão dele, *o.k.* Decide um lado? Decide, só que tem que entender os erros que cometem. Esses erros cometidos causaram esse efeito, e esse efeito está custando vidas, até mesmo dos profissionais da segurança, professores, funcionários das escolas, famílias, crianças, traumas, tudo isso é o efeito de um erro que aconteceu. Eu acho muito importante a Prefeitura botar isso na consciência e analisar: “Vamos pegar, vamos levar o máximo de sentimento de segurança para as comunidades”. Está sendo pedido: “Nos escutem, nos ouçam, anotem o que a gente está falando, vamos conversar”.

A gente está pedindo isso, mas, quando vê, vem um decreto ao contrário, a Prefeitura vem na contramão dizendo: “Os movimentos estudantis, os movimentos sociais, os parlamentares votados pela própria comunidade não podem entrar e palestrar; se forem, tem que passar pela SMED”. Vai sobrecarregar a SMED em vez de dar autonomia para a comunidade, e eu digo por estar na comunidade. A gente quer se sentir seguro de chamar um parlamentar, chamar uma liderança comunitária, chamar uma liderança religiosa, qualquer pessoa que nos dê conforto, que nos dê orientação e a gente diga: “É assim que a gente tem que sair, esse é o caminho de segurança, é assim a gente tem que fazer”. Legal! Mas não, a Prefeitura vai lá e quer tomar conta de tudo, tomar as rédeas, a gente resolve tudo, se sobrecarrega e depois vem. A gente tem um botão de segurança. Como as crianças autistas vão lidar com esse botão de segurança, já se perguntaram? Como? Crianças não verbais, como? A criança não verbal não sabe nem pedir socorro, como é que isso? Eu não quero me estender muito, mas eu acredito que a gente precisa... Tem essa ameaça do dia 20 e, quem está lá na porta da escola, que larga o filho, sabe o que está dizendo, a professora que vai lá dar aula, pensando nisso... Tem turmas em que a professora já criou um sistema de segurança: para entrar na sala de aula tem que ter uma senha, pais não querem levar as crianças na escola até o dia 20 e estão pensando depois do dia 20, cada um está tentando fazer a sua segurança,

por quê? Porque vem um decreto proibindo isso e aquilo, porque a mantenedora não está dando a segurança suficiente, e as pessoas estão tentando fazer do seu jeito. Isso causa mais pânico. Por favor, eu gostaria muito que a Prefeitura pensasse nisso: a gente precisa trabalhar contra o ódio que foi levantado, foi um erro cometido e esse erro tem que ser corrigido, essa cultura do ódio tem que acabar; a cultura da paz é de acolhimento, de escuta, de discussão e de conversa, de ouvir, trabalhar junto. Onde converge, trabalha-se junto; onde diverge, deixa de lado e vamos trabalhar para um objetivo principal, afinal a SMED está aqui, ela é a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, de todas as escolas municipais, das escolas privadas também, de todas as escolas, são mais de 300 escolas, é muita coisa para lidar, para querer pegar tudo debaixo do braço e tentar resolver. Que libere essa autonomia das instituições, dos movimentos, libere essa autonomia e deixe nos sentirmos mais seguros, é isso que a gente pede, investir nessa prevenção. Dia 20 não vai acabar, depois temos que ter mais reuniões para poder incentivar cada vez mais, trabalhar mais, porque a insegurança ainda acontece, tem outros problemas fora essas ameaças, mas isso a gente precisa continuar. É essa a minha colaboração. Obrigado.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Obrigado, Lucas. Muito se falou aqui sobre essa questão de escuta, e hoje nós invertemos o protocolo geral; geralmente os vereadores falam antes, mas hoje nós escutamos os nossos convidados e convidadas. Vou passar para a última convidada, a Niara, da União Estadual dos Estudantes, depois nós vamos ter a manifestação dos vereadores e vereadoras, e vamos construir os encaminhamentos desta nossa reunião. Se alguém do plenário ainda quiser fazer alguma manifestação, nós ainda vamos ter oportunidade de escuta nesse sentido.

SRA. NIARA DY LUZ: Primeiramente boa tarde a todos que estão aqui, aos vereadores, aos convidados e convidadas, em especial à Camila e à Luiza, que são as secundaristas que estão aqui acompanhando esta reunião hoje, que são

as principais pessoas que estão nas escolas sofrendo essa violência psicológica. Eu represento aqui a União Estadual dos Estudantes do Rio Grande do Sul, e o Kaick e a galera da ATEMPA trouxeram muito bem qual é a realidade das nossas escolas hoje. A gente tem toda uma rede de alunos que está passando por um desafio muito grande psicológico; eu tenho uma irmã autista, e ela, quando chegou no colégio e viu uma viatura da Brigada Militar, teve uma crise de ansiedade, a gente teve que levá-la para casa. Tem algumas regiões em que a presença da Brigada Militar não traz uma certa segurança. Eu acho que é importante ter até certo ponto, mas não acho que é a solução. Em setembro de 2019, foi aprovado o projeto de lei da deputada federal Jandira Feghali, que é o PL nº 3.688, que fala sobre a assistência, atendimento de psicólogos e assistentes sociais nas escolas públicas de educação básica. É importante que tu estejas aqui, Guilherme, porque nós, que estamos conectados com a realidade das escolas, porque parece muito, às vezes, que a SMED está desconectada com a realidade das escolas. Há falta de merenda, e a gente sabe que é muito dos nossos colegas da escola, secundaristas, vão para as escolas por conta disso, porque, muitas vezes não tem essa assistência em casa, não tem condições, a pandemia agravou essa desigualdade social. E hoje essas crianças que não estão indo à escola é muito por que não tem esse atendimento psicológico, por conta desses massacres que andam acontecendo, como que a gente faz para trazer essas crianças? Como que a gente cria essa escola? O Ver. Giovani mesmo trouxe esta reflexão: como que a gente cria escolas que tenham paz? A gente passou, nos últimos três, quatro, cinco anos, como o Kaick mesmo trouxe, com discursos misóginos, discursos racistas, discursos LGBTfóbicos, e hoje a gente está vendo o resultado disso dentro das escolas. E a escola é o primeiro espaço de socialização das crianças, e quando a gente tem uma figura que é o Presidente da República tendo discursos racistas, LGBTfóbicos, misóginos, a gente já está aí tendo hoje o resultado de todas essas coisas que acontecem nas escolas. Então, eu fico pensando: se eu, enquanto servidora, estivesse nesse espaço da Secretaria Municipal de Educação, como eu estaria me sentindo agora? Porque é muito fácil vir aqui e apresentar diversos

métodos para monitorar, caso a escola seja invadida, e a gente sabe que muitas escolas que mal tem estrutura hoje para cercar, inclusive pensar sobre esta lógica: se a escola tem mesmo que ter esse caráter que parece, muitas vezes, um presídio e não uma escola, mas pensar que não são todas as escolas, talvez sejam só as escolas do centro de Porto Alegre que tenham uma estrutura para que ninguém invada a escola, para que ninguém pule o muro, mas a gente sabe que as escolas das periferias mal têm um muro e, às vezes, são grades, não tem estrutura para que combata. O colega mesmo trouxe: como que os estudantes autistas vão apertar um botão? Eu acho que estão muito desconectados todos os métodos que trouxeram aqui com a realidade das escolas. Esta Casa mesmo, esses dias, estava discutindo sobre o autismo, e parece que não existe um diálogo, e já não existe – a Luciana trouxe aqui – entre os movimentos sociais, não existe um diálogo com o movimento estudantil. O prefeito, na semana passada, assinou um decreto que criminaliza, proíbe... Que a gente possa entrar nas escolas para falar sobre esses assuntos. A gente tem uma cultura, no movimento estudantil, de falar sobre o maio antirracista, como que a gente vai entrar nas escolas, no próximo mês, com esse decreto, para falar sobre racismo, antirracismo, machismo, LGBTfobia, falta de merenda, falta de professores, falta dos serviços de recursos humanos, falar sobre a merenda escolar? Como a gente faz? E eu acho que a gente não tem que sair daqui apenas explanando sobre isso, mas que tenha uma data limite para que a SMED e a Prefeitura de Porto Alegre nos deem uma resposta sobre todo esse acúmulo que teve aqui nesse debate. Eu espero muito mesmo que não seja apenas uma reunião para ficar falando sobre os problemas que a gente tem, porque isso a gente já falou em outros momentos, não é, Luciana? Em outros vários momentos, a gente fala sobre isso e nunca, de fato, é apresentado uma política de combate à violência, de combate à insegurança alimentar. Eu espere mesmo, de coração, Guilherme, que tu leves isso ao nosso prefeito, e que a SMED dê uma resposta à altura dos nossos desafios que a gente tem enfrentado nos últimos dias.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Niara. Gente, nós tivemos dez representações se manifestando aqui, na CECE. Eu, desde já, estou satisfeito com o fato desta reunião, de hoje, da comissão ter permitido o diálogo que há bastante tempo se pretendia entre o Conselho Municipal de Educação, entidades representativas, escolas, enfim. Então a gente foi flexível no tempo de todos os convidados e convidadas, mas a gente vai ser mais disciplinado agora para conseguir fazer o fechamento e o encaminhamento da nossa reunião. Então vou passar para Abigail, que foi a primeira vereadora inscrita, para falar num tempo de cinco minutos, depois, a gente já tem algumas inscrições, para além dos vereadores, de quem está acompanhando a reunião, para que a gente possa, posteriormente, fazer o fechamento.

VEREADORA BIGA PEREIRA (PCdoB): Boa tarde. Eu estava ouvindo atentamente, bacana quando a gente consegue também estabelecer as diferenças de narrativas, não é? Ouvi a SMED, Guilherme, sobre o que vocês apresentaram aqui: os programas em que foram pensados, que foram colocados em prática. Eu fico feliz, Giovani, com o CIPAVE. O CIPAVE é uma ideia nossa, do PCdoB. Nós tivemos essa ideia há mais de 10 anos, tu sabes, não é, Guilherme? Lá na cidade de Caxias, quando um vereador nosso propôs e, na oportunidade, o prefeito Sartori assumiu esse debate do CIPAVE, há muito tempo, gente, tipo 20 anos. E aí vocês trazem aqui que foi implementado no ano passado, já tinha, não é? Mas bacana, eu acho que são ações muito legais que precisam, de verdade, ser aplicadas. Então cumprimentos por tudo que vocês apresentaram aqui de positivo. Vamos lá, agora vamos para a realidade, que são os planos, são os projetos, são os programas. Agora, ouvindo os nossos estudantes, Kaick, Niara, Lucas, enfim, ouvindo essa diretora, gente, com esse depoimento emocionado. Emocionado da tua parte, mas que nos emociona, porque sabemos o quanto é real. Eu estive, na semana passada, diretora, visitando escolas, eu sou testemunha do que tu falaste aqui o quão real é. Eu estive em escola que receberam esses equipamentos, e receberam aquela TV

de 70 polegadas, mas não tinha uma tomada na escola, não tinha uma parede que comportasse aquele tamanho de TV. Ou seja, a entrega de material, que tu nos trazes aqui, que não corresponde à necessidade, uma escola em que a marquise caiu e está lá um tempo e não colocam, está aberta outra porta, mas aí tem enchente, cada chuvinha tem que entrar de caiaque. Enfim, qual era, digamos, o tom em todas as escolas que eu fui? RH. Tinha uma escola, Guilherme, que inclusive me disse que esta semana vai ter uma apresentação do chamado “botão do pânico”, que seria lá no Bourbon, certo? Foi, não é? Aconteceu. Aí a diretora me disse que não tinha como liberar nenhuma das professoras, porque ela ia ter que substituir na cozinha, porque as terceirizadas da cozinha estavam em greve porque não tinham recebido salário, tão pouco o vale-transporte, e ela disse que não tinha como mandar nenhuma professora lá para o Bourbon. Olha só, eu estou aqui dando esse testemunho porque eu fui visitar as escolas, aí a gente percebe coisas assim nessa abordagem, que eu acho que é legal que tu trazes, e eu solicito a esta comissão, Ver. Giovani e Ver. Mauro Pinheiro – foi especialmente para isso que eu me inscrevi aqui –, fazer esse debate e encaminhar para o prefeito Melo a revogação. É isto que eu peço, encarecidamente: a revogação desse decreto, porque tudo que aconteceu e que nos chama atenção, a partir de Blumenau, desse apavoramento, além da falta de RH, a gente identificou a falta de alunos, muita falta dos alunos, por medo, gente, é uma exaustão emocional de insegurança total. E aí nós temos isso que tu trazes: em maio, a gente vai lá conversar, falar, palestrar sobre racismo, gente, sobre homofobia. Isso é que ajuda para uma cultura de paz, esse debate é que cria o chamado clima escolar, o clima na escola, gente. O clima tem que ser de acolhimento. E esse debate que estimulou – e isso foi dito por Presidente da República, pelo prefeito que estimulou – a ter essa cultura do ódio, nós precisamos combater com a cultura da paz. E cultura da paz se faz enfrentando o racismo, a homofobia, o *bullying* dentro da escola, que as nossas meninas e os nossos meninos sofrem! É assim que a cultura de paz... Que condição há de se ter a justiça restaurativa se tu não tens RH que dê conta disso? A comissão do CIPAVE, quem acompanha? Quem ajuda? Portanto, eu peço a esta comissão

– eu estou pedindo a esta comissão e aos convidados porque eu não pertenço a esta comissão, eu sou da CEFOR, mas como vereador a gente tem acesso às outras –, eu vim aqui hoje para pedir a esta comissão que solicite ao governo Melo que revogue esse decreto para que especialmente o Simpa, a ATEMPA, a UBES, enfim, a UMESPA possam entrar dentro das escolas, assim como nós, vereadores, poderíamos entrar tranquilamente dentro das escolas e ajudar, ajudar a nossa comunidade escolar a criar esse clima da paz, gente, essa cultura da paz, esse clima escolar de acolhimento. Era isso. Obrigada, Ver. Giovanni, Ver. Mauro Pinheiro, meus colegas.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Ver.^a Biga. Estás sempre convidada a acompanhar conosco aqui os debates da Comissão de Educação. O Ver. Gilson Padeiro, nosso vice-presidente, está com a palavra.

VEREADOR GILSON PADEIRO (PSDB): Boa tarde a todos. Sou o Ver. Gilson Padeiro, vice-presidente da comissão. Ouvi muitas falas aqui, de vários segmentos, mas eu vejo que, nessas falas, eu estava olhando ali: segurança nas escolas, paz nas escolas, combate ao ódio. E eu vejo que muitas falas foram feitas reclamando de governos passados, reclamando de prefeitos, reclamando de governo federal, mas a gente tem que pensar diferente, a gente tem que começar a pensar em como a gente vai trabalhar para resolver esse problema de segurança. Nós não podemos botar o problema no colo dos outros, nós temos que debater qual é a receita do bolo e o que a gente vai fazer. Não podemos ficar aqui discutindo, porque o Marchezan fez um governo que deixou sequelas, que o Melo está fazendo isso, que a Secretaria da Educação também, que o Bolsonaro fez isso e fez aquilo. Nós fomos governados por 16 anos também pelo PT, mas a gente não debate isso aqui agora. Nós temos é que pensar para a frente. É isso que eu penso. Tivemos aí vários problemas de ataques a escolas, essa de Blumenau, aí, onde foram vitimadas quatro crianças, nós tivemos outros também fora do Brasil, ataques com crueldade imensa. Mas eu vejo ali como

combater o ódio. Às vezes, nas nossas falas aqui, a gente provoca essa pauta. É muito triste ouvir isso. E aqui também não é palanque político; a gente tem que pensar em trabalhar para a comunidade. Eu sou um vereador do Extremo-Sul de Porto Alegre, eu sou um vereador para 200 mil habitantes. Agora, chegou Giovani lá, que assumiu, eu era sozinho. Hoje eu tenho o Giovani lá na região, tem o Comassetto também, mas a gente não tem só escola municipal, a gente tem escola estadual também. E aí nós temos que fazer esse debate amplo entre Município, Estado e governo federal. Nós somos uma cidade de um milhão e meio de habitantes, essa é uma grande preocupação, não é só a Guarda que vai resolver o problema. Nós temos que aprofundar com a Guarda, com o Conselho Tutelar, com a Brigada Militar, a Polícia Civil e com todas as partes da segurança. Nós temos que trabalhar o governo municipal, através da SMED, o governo estadual, Seduc, e também o governo federal. Aí a gente vai começar aprofundar o debate. Eu gostei da tua fala ali, mas não é só aquela fala bruta, assim, cobrando. Temos que dialogar. Eu ouvi bastante aqui, fiquei 1h50min ouvindo aqui, mas esse é o meu pensamento, como vereador eleito por uma comunidade e hoje eu venho aqui, eu faço parte desta comissão, mas eu vejo muito debate e não está tendo da receita. Nós temos que debater junto com a comunidade escolar, junto com as comissões, junto com os pais, segurança, Legislativo, Executivo e achar uma solução. Só aí a gente vai começar a melhorar essa parte de segurança nas escolas. Eu tenho projeto protocolado aí para melhorar a segurança, só não vou falar porque ainda está tramitando na Casa, mas só com diálogo a gente vai poder chegar lá. Não podemos ficar procurando pelo culpado disso, culpado daquilo. Às vezes o culpado disso que está acontecendo nas escolas pode estar dentro das casas. Estou dizendo que isso pode acontecer. É isso. Desculpa se se alguém não gostou da minha fala, mas a gente tem que trabalhar num foco maior. Isso de achar o culpado, hoje, no momento, é difícil.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): A Regina, da ADUFGRS-Sindical, está com a palavra.

SRA. REGINA WITT: Boa tarde a todos. Eu quero agradecer pelo convite, em nome da ADUFRGS-Sindical, e dizer que a ADUFRGS-Sindical não representa mais só a UFRGS, também representamos os institutos federais e UFCSPA. Estamos muito preocupados com essa situação e já estamos também pautando esse tema da segurança nas escolas, da paz nas escolas. E, eu tive uma trajetória, eu fui enfermeira e professora de Saúde Comunitária e trabalhei dentro das escolas, e, assim como eu, existem muitos professores nas nossas universidades, nos nossos institutos, que estão, que têm trabalho dentro das escolas, então é com esses professores, com os nossos recursos, a gente pretende fazer um grande debate para contribuir, para entender esse problema que está acontecendo e tentar, então, apoiar as escolas e criar também, trabalhar pelo desenvolvimento de mecanismos que melhorem a paz e a segurança nas escolas. Muito obrigada.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): A gente que agradece, Regina. O Jailson, que representa aqui a coordenação Simpa, está com a palavra.

SR. JAILSON BUENO PRODES: Boa tarde, vereadores. Boa tarde a todas e todos que estão aqui presentes. Gostaria, em nome do Simpa, já temos uma contribuição muito importante trazida pela colega Luciane Congo, também pela colega municipal, nossa diretora, grande diretora de luta, representando a ATEMPA, gostaria de também complementar, trazer minha contribuição a este debate. Eu entendo que é um debate que vai suscitar outros momentos, ninguém tem a fórmula mágica, ninguém – Ver. Gilson Padeiro – tem a receita do pão, nessa situação, mas a gente já sabe que existem alguns elementos, os elementos que fazem parte do nosso diagnóstico inicial. Nós sabemos que algumas coisas contribuíram para que a gente chegasse no ponto em que a gente chegou atualmente. E uma delas, certamente, foi essa política desenvolvida nos últimos anos, política do ódio, a política que fomentava o racismo, o fascismo, a homofobia, então, essa cultura ela foi se fomentando, e a

gente entende que esse é um elemento-chave em todas as nossas discussões. E aqui é um lugar onde a gente tem que fazer a discussão política, aqui na Câmara de Vereadores, se não é na Câmara de Vereadores que a gente vai fazer um debate político, será onde? Em outros locais a gente também tem que fazer o debate político, nas comunidades a gente tem que fazer esse debate. Eu entendo que nós temos que levar esse debate da construção de um ambiente que estimule a política da paz para as comunidades também, não que lá nas comunidades impere, hoje, a política do ódio, não é isso que acontece lá. As escolas são muito respeitadas pelas comunidades, as comunidades respeitam as escolas, agora, a gente precisa entender o que está acontecendo, a gente precisa discutir com cada pai, com cada mãe, com cada responsável o que está fomentando esse momento que a gente está vivenciando hoje. Nós sabemos que existem articulações no submundo da internet que se organizam, que estimulam ações que levam ao ódio, à agressão, e que, muitas vezes, atingem pessoas fragilizadas, atingem pessoas adoecidas que não precisam invadir as escolas, muitas vezes, estão dentro das escolas e que estão ali fragilizadas. A gente precisa entender o funcionamento dessas organizações, entender também os reflexos que essas ações nos levam e as consequências no dia a dia das escolas, nós precisamos entender o funcionamento disso tudo. Agora nós precisamos levar esse debate para as escolas, para as comunidades, para as instituições que estão envolvidas. Agora, quando a gente aponta que existe falta de RH, quando a gente aponta que existe uma desestruturação, não é apenas chegar e culpar alguém, nós estamos fazendo um diagnóstico, isto é uma maneira responsável de chegar a uma solução. Não existe uma solução adequada se a gente errar no diagnóstico, a gente tem que acertar no diagnóstico, se a gente está discutindo aqui na Câmara de Vereadores é que a gente também está, com certeza, reconhecendo o papel dos vereadores na política de educação do Município de Porto Alegre. Se não há estrutura para desenvolver uma boa política de educação em Porto Alegre, essa política de educação vai definhando, essa política de educação vai morrer. Então, o que se exige aqui é investimento em educação para nós, das comunidades, as escolas

municipais de Porto Alegre trabalham nas comunidades, estão localizadas nas comunidades. Para nós, das comunidades, não resolve nada uma Porto Alegre para turista se as comunidades não estiverem atendidas; para nós, não resolve nada colocar um investimento, para concluir, um investimento em novos condomínios com infraestrutura se as comunidades não estiverem atendidas nas suas demandas básicas. E educação é uma demanda básica das comunidades de Porto Alegre. É este o nosso pedido, que a gente enfatize, que a gente priorize o investimento em educação. Obrigado.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Obrigado, Jailson. A Sra. Raquiel, da EMEF Jean Piaget, está com a palavra.

SRA. RAQUIEL BOGADO DE MESQUITA ROHR: Boa tarde a todos que hoje se propuseram a vir aqui discutir sobre a paz na escola e não vieram buscar uma receita de bolo. Eu acho que, primeiramente, é importante a gente saber que a paz na escola é respaldada pelo respeito, esse é o princípio básico para a gente manter a paz na escola. Bom, quando a gente fala em paz na escola é muito fácil querer jogar isso no colo do professor. Na verdade, tínhamos até um vídeo no MEC que dizia: “É você, professor, é você, professora”, mas estão faltando pernas, estão faltando braços para agarrar tantos problemas. Hoje nós vimos aqui discutir sobre a paz na escola. Nós precisamos do respaldo, sim, dos colegas da Guarda Municipal, nós precisamos do respaldo, sim, da Brigada Militar, mas nós precisamos de RH. Professores facilitadores dos círculos da paz nós temos, temos muitos há muito tempo; nós não temos é RH para entrar nas salas de aula, principalmente do fundamental dois. É isso que nós vimos buscar hoje, estratégias emergenciais para combater, para conseguir uma cultura de paz dentro da escola. Como se faz isso? Com RH. Precisamos urgentemente ampliar o quadro de professores, coordenadores de turno. O SOE, nós precisamos urgentemente de mais SOE nas escolas. Ninguém resolve, num certo dia, às 9h da manhã, que vai virar um vândalo e vai fazer uma conspiração e colocar no Facebook causando o caos em rede nacional. Isso, os professores

com excelência diagnosticam a todo momento em sala de aula. Eles vão lá no SOE, que está sucateado, e pedem o quê? Pedem para encaminhar para área da saúde. Hoje em dia para se conseguir uma consulta para neurologista leva em torno de dois anos, muitos aqui tem convênio médico, eu também tenho para os meus filhos, mas essa não é a realidade dos nossos alunos oriundos das periferias de Porto Alegre. São dois anos de espera por uma consulta. Nós temos o relato da carta de um menino que cometeu toda essa tragédia em São Paulo dizendo: “Eu estava cansado de tanta dor”. Será que não havia atas nas escolas por onde esse menino passou? Será que esse menino não foi encaminhado para o setor de saúde mental, de psiquiatria? O sistema falhou com esse menino e com tantos outros. Esse menino é fruto do sistema que está decadente, nós precisamos repensar isso. E eu acho que, quando a gente fala em paz, em educação, nós precisamos, sim, ouvir os professores. Mas precisamos, sim, ampliar o RH, são medidas simples, colocar mais um coordenador de turno em cada turno, colocar mais SOE e pensar que o guarda municipal ele não é uma ameaça, ele é um aliado, ele é o nosso colega, ele precisa estar em sociedade. E isso não é uma questão política, de palanque político, isso é uma questão de segurança pública. É só isso que eu vim falar assim, a gente só vem em busca de paz na escola. Nós não vimos fazer campanha, nós não vimos mostrar qual é o partido que é melhor ou pior, nós vimos discutir e buscar uma estratégia rápida e eficaz que assegure àqueles pais que precisam trabalhar e deixar seus filhos na escola, é só isso. Só isso no momento. Obrigada. (Palmas.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCDOB): Muito obrigado, Raquel. A Sra. Luiza está com a palavra.

SRA. LUIZA SUARES: Boa tarde a todos, eu queria começar a minha fala dizendo que o ex-Presidente Bolsonaro e o prefeito Mello são, sim, responsáveis pelos ataques que estão acontecendo nas escolas. Porque tanto o aluno que esfaqueou a professora em São Paulo, que tinha uma acusação de racismo, tanto o jovem que matou as crianças, a machadinha, tinham intenções nazistas.

Um menino de 12 anos foi preso em Maquiné com vários materiais nazistas. E quem é que fazia alusão a discursos fascistas? Era o ex-presidente Bolsonaro, e quem o apoia? O prefeito Melo. Então, a gente tem que responsabilizar essas pessoas...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. LUIZA SUARES: Peço um pouco de respeito, é muito normal os homens quererem interromper as falas das mulheres, mas eu peço respeito neste momento. (Palmas.)

Queria falar que a morte dessas crianças é responsabilidade dessas autoridades, porque sendo pessoas que influenciam outras são, e também pela negligência de ter setores de saúde mental dentro das escolas para conseguir atender os estudantes. A gente quer uma Porto Alegre desbolsonarizada, e isso é uma pauta que movimenta o Coletivo Levanta, as entidades, como a UBES, UMESPA e UGES também. A gente quer uma Porto Alegre sem discurso de ódio.

Eu também queria pontuar que acho uma balela achar que todos os estudantes são como os alunos do Marista ou do Maria Imaculada, que vão se sentir seguros com uma viatura na frente da porta. Quando a gente sabe que os nossos estudantes das periferias têm medo da polícia por andarem sozinhos na rua e tomarem um... (Ininteligível.), principalmente os estudantes negros. Acho que a gente deveria pensar políticas de paz nas escolas, de conscientização e, não, políticas de alarde ou de transformar a escola numa prisão.

Queria convidar os nossos colegas a tirarem uma foto com as plaquinhas aqui.

(Procede-se ao registro fotográfico.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Luiza. Agradecer a tua participação.

SRTA. LUIZA SUAREZ: Muito obrigada, vereador. Eu espero que daqui para frente a voz das mulheres, das pessoas periféricas, das pessoas negras e dos estudantes sejam ouvidas nesse plenário e não, interrompidas.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): O Ver. Alexandre Bobadra está com a palavra.

VEREADOR ALEXANDRE BOBADRA (PL): Boa tarde a todos os presentes. Sou o Ver. Alexandre Bobadra, do PL, estava em outra reunião agora na Comissão de Defesa do Consumidor, Direitos Humanos e Segurança Urbana, e acabei chegando atrasado lá, porque eu estava no telefone com a minha filha no estacionamento, eram 13h50min, e um grande amigo meu, conversando ao telefone com ele, só escutei uma voz ao fundo, “Já era, já era, pega o cachorro, pega o cachorro, já era, já era...” Ele foi assaltado, comigo ao telefone. Pedi para a minha filha me esperar no gabinete e fui lá socorrê-lo. Enfim, levaram o celular dele, o cara chegou com uma arma, a pé, por traz dele, com sua arma no pescoço e pegou o celular dele, com os dados e tudo.

Então, a violência está em todos os cantos da nossa cidade, da nossa sociedade em geral. Ontem, há 1h da manhã, eu estava jogando futebol na Lomba do Pinheiro. Eu trabalho Há 30 anos, eu já tenho o meu carro, fui para casa e tal, mas acho que também é uma questão de educação, passa pela questão científica. Por isso que, ontem à tarde, eu estive na Secretaria de Segurança, com o secretário municipal de segurança e mais uma equipe, onde estamos fortalecendo o escritório de prevenção à violência em Porto Alegre. Destinei R\$ 100 mil das minhas emendas impositivas para que possamos criar em Porto Alegre e escritório de prevenção à violência. Por que isso? Nós temos os dados da segurança da Secretaria da Segurança; nós temos os dados da Secretaria de Educação; nós temos os dados da Secretaria da Saúde; nós temos os dados da FASC. Acontece que, muitas vezes, nós aplicamos os recursos públicos de forma empírica, e nós temos que aplicar os recursos de forma científica. Então, com a centralização dos dados de segurança da nossa cidade, através do mapa

de calor de até 2 quilômetros das nossas escolas, eu tenho certeza que vamos poder avançar muito, para poder entender da onde viemos, onde estamos e para onde vamos.

Quero dizer para vocês que me preocupo muito com a educação dos nossos jovens. Eu sou do tempo, por exemplo, em que a gente cantava o hino nas escolas. Eu estudei em escola pública a vida toda, no Otávio de Souza. Eu fui autor do projeto de lei para se colocar o hino nas escolas; não é aplicado. Lembro que lá aprendi técnicas domésticas, técnicas agrícolas, técnicas industriais. Eu arrumava minha própria cama, se quisesse brincar, tinha que lavar a louça. Eu tinha responsabilidades. Hoje vejo que alguns jovens não arrumam nem a própria cama! Não sabem nem tomar banho direito, mas querem mudar o mundo! E essa cobrança eu faço à minha filha adolescente que está aqui, eu faço às minhas sobrinhas. O jovem tem que estudar sim, tem que brincar, tem que se divertir, tem que ocupar a cabeça. Acho que temos que trazer os jovens para dentro das escolas, no turno inverso. Nós sabemos que os recursos são pequenos, são escassos, o cobertor é curto, mas temos que tentar trazer os jovens para dentro das escolas através de campeonatos de futebol – meu colega líder, Ver. Mauro Pinheiro. No meu tempo, havia campeonatos de futebol, de vôlei, gincana, a gente conseguia ocupar a cabeça do jovem. Eu sou da geração “x”, hoje tem a geração “y”, “z”, *Baby Boomer*, etc. No meu tempo a gente queria estudar, se formar, passar no vestibular, fazer uma faculdade, depois quero comprar um imóvel, quero ter um carro, quero me casar, quero ter filhos; eu quero vencer na vida. E vejo que, muitas vezes, os nossos jovens não sabem onde estão, nem para onde vão... e as pessoas ficam utilizando os nossos jovens que ainda não têm uma formação cognitiva e botando bobagem na cabeça dos jovens! Botando na cabeça que droga é bom, ou tentando dividir a nossa sociedade. O jovem tem que estudar, tem que se divertir, tem que se preparar para o futuro, tem que ter solvência. Eu fico muito preocupado com a realidade do nosso País, do nosso Município e do nosso Estado. Eu não quero fazer aqui um debate ideológico, acho que temos que pensar nas pessoas. Vejo muita gente tentando se aproveitar desse momento de crise, dessa tragédia *sui generis*

que passa o nosso País. Então, a Prefeitura de Porto Alegre, em parceria com o Instituto Cultural Floresta, implementou o botão de pânico. É pouco, mas é o início.

Outra questão, que parabeneizei muito o governo Melo, é que, pelo terceiro ano consecutivo, ele deixou a passagem em R\$ 4,80, num esforço imensurável. Claro que é um dinheiro que não vai ser colocado, por exemplo, na capina, para asfaltar a cidade, para vagas em creche... Nós temos muitos problemas, e acho que, quanto mais debate, melhor, mas entendo que temos que sair um pouco da teoria e ir um pouco para a prática, onde cada um deve fazer a sua parte, e começando em casa. Entendo que muitas vezes, até alguns políticos, eles não administram nem a própria vida, não têm profissão, mas querem administrar e mandar na vida dos outros. Acho que o político tem que ter uma profissão para, depois, se tornar um parlamentar.

Quero parabenizar a comissão por esse debate tão importante, tão moderno, desse assunto que nos assusta e nos preocupa tanto, tenho certeza que vamos sair daqui com encaminhamentos que, certamente, vão ajudar a atenuar essa grave crise de segurança que passa o Brasil, o Estado e o Município de Porto Alegre. E digo mais, quero complementar, já passou de o momento do governo federal ajudar Porto Alegre, realmente investir. Estava na reunião da FASC, hoje, todo o orçamento que é utilizado nas questões constitucionais da FASC, 97% são do Município. Cadê a União? Cadê o dinheiro do governo federal? Cadê o dinheiro do governo do Estado? Nós precisamos de recursos, então cada um de nós, através das parcerias que temos, buscar emendas federais com os nossos deputados federais, com os nossos senadores, para colocar no nosso Município e, realmente, fazer acontecer, não só em ano de eleição par inglês ver. Cada um de nós tem que fazer a sua parte. Muito obrigado.

PRESSIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): O Ver. Jonas Reis está com a palavra.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Boa tarde a todas e todos os presentes; Ver. Giovani, proponente; presidente Mauro; colega Gilson, da comissão, também o vereador Giovane Byl. Nós vimos numa discussão, Gilson e Byl, principalmente da Comissão de Educação, desde o ano passado, sobre as insuficiências na educação. Aqui a professora Rosele, que pertence à Associação dos Trabalhadores em Educação, a professora Luciane Congo, que pertence à ATEMPA. A associação está há muito tempo aí no Município colocando as necessidades nevrálgicas das escolas e já se constatava, há tempos, que a retirada da Guarda das escolas era uma péssima política. E nós esperamos o quê? Acontecer uma polêmica terrível de vidas serem roubadas no estado vizinho para, agora, a gente começar a acordar para essa realidade, mas primeiro tiraram a Guarda das escolas e não colocaram nada no lugar – se virem! Quantas vezes, Rosele, no Anísio já entraram? Quantas vezes, nas escolas municipais, entraram?

Eu queria dizer aqui que nós fizemos vários movimentos, antes de acontecer essa tragédia, nós pedimos mais patrulha, por exemplo, na Restinga, porque tinham entrado dentro da escola e bateram numa monitora; uma pessoa bateu numa monitora, poderia ter levado uma faca, uma arma, qualquer coisa. E sabem o que acontecia nessa escola? Nem o diretor, Rosele, poderia estar sendo diretor, porque estava na sala de aula, porque faltava professor. Então, não tinha nem o diretor disponível, porque ele estava dando aula. Vocês sabem o que é isso, um diretor dando aula, que foi eleito para ser o gestor, para estar à disposição de todos, não de uma turma apenas, mas ele estava lá, garantindo o dia letivo daquela turma. Então, eu fico preocupadíssimo quando a gente ainda mantém a falta de RH, como se fosse algo normal. Eu falei já para secretária anterior, a Janaína, tem que fazer concurso, tem que ter RH, o estudo de quadros os diretores fazem. Todas as escolas, em novembro. Então não é justificativa em fevereiro não ter professor. O Ver. Bobadra trouxe uma fala aqui extremamente equivocada e que mostra que ele não conhece a realidade da rede, ele falou em ter contraturno. Vereador, o governo Melo não está garantido nem os professores do turno! Do turno! O contraturno é importante, nós vamos, sim, lutar

pelo contraturno, pelo turno integral, por escola de tempo integral, mas antes tem que ter pelo menos as 800 horas letivas, os 200 dias. Pelo menos isso, vereador, nos ajude! Estou lhe pedindo aqui, nos ajude, pegue a SMED pela mão e faça colocar professor nas escolas. Pega o secretário de segurança e faz ele fazer concurso para guarda, porque estão faltando guardas municipais.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Ver. Bobadra, o senhor vai ser sempre bem-vindo aqui na reunião da comissão, mas eu quero que o senhor respeite a manifestação dos vereadores membros desta comissão, correto? Então aguarde as manifestações deles, porque nós já te ouvimos e agora a palavra não está com o senhor, então fique no seu lugar de cala, depois a gente resolve isso, agora é o Ver. Jonas Reis e depois é a Secretaria de Educação. Te aguardo em silêncio, a partir de agora, está certo?

VEREADOR JONAS REIS (PT): Aqui não é debate político, aqui não tem réplica, aqui as pessoas fazem as suas falas, vão para as notas taquigráficas, tem os encaminhamentos, o governo desenvolve as políticas, os vereadores fiscalizam e cobram, se o senhor não sabe o papel de vereador, vai estudar.

Agora eu quero repetir: a guarda municipal precisa estar cada vez mais nas escolas, então eu agradeço aqui imensamente a presença dos colegas guardas, que são conhecedores que há muito tempo falta mais contingente. Então, se hoje não tem guardas municipais em todas as escolas, é porque também não tem concurso há muito tempo, a gente precisa fazer isso, precisa construir isso. Independentemente de quem tirou, quem deixou faltar, não fez os concursos, nós temos que pensar daqui para frente. falta isso. Então nós temos que nos irmanar e construir esse direito, mas não é só isso, por isso que eu tenho aqui um projeto de lei que já tem, inclusive, uma prerrogativa nacional: psicologia e assistência social à disposição da rede municipal de Ensino. isso é primordial neste momento. Por quê? O que a professora da escola da Zona Norte falou para nós é importantíssimo. Importantíssimo, por quê? Porque as crianças e os jovens precisam de todos os tipos de acolhimento, a escola não pode estar

sozinha, o Município tem um déficit histórico, Ver. Mauro, de serviço de atendimento em assistência social e psicologia. Houve uma pauperização enorme do nosso povo trabalhador, então a escola também tem que alargar sua rede. A escola, há muito tempo, deixou de ser o lugar onde só se educa, é um lugar onde se cuida e se acolhe também, mas para isso a gente não pode colocar a responsabilidade só nas costas dos professores, das equipes diretivas, porque eles não têm essa formação, nós temos que pensar multiprofissionalmente como solucionar os problemas sociais e não jogar na escola. Muitas vezes, Ver. Mauro, o único aparelho do Estado que tem no território é uma escola de porta aberta, que vai ter uma merenda e vai ter um professor para acolher uma criança, que, às vezes, vai chegar sem calçado, sem roupa, vai chegar vítima de agressões da sociedade, de toda ordem, de todos os ambientes, é a escola, mas para isso a gente tem que apoiar essa escola com força e com potência. Por isso eu saúdo aqui todas e todos que estão neste dia discutindo e construindo soluções. Os problemas nós temos, nós sabemos, tem problemas históricos, agora a gente precisa botar a mão na massa, por isso que eu repito: eu aqui mando a maior parte dos meus recursos para educação, o que me permite a lei. A lei manda que eu mande metade para a saúde, metade vai para a saúde, e a outra parcela vai praticamente toda para a educação, porque a gente sabe que uma criança que tem condições e não tem falta de professor, falta de recursos, é o nosso futuro; o nosso futuro é a juventude. O nosso futuro somos nós, aqui? Evidentemente, mas o nosso futuro é a infância, nós temos que trabalhar bem essa infância, construir o direito à infância, que hoje, na cidade, está debilitado. Então quero mais uma vez saudar a todas e todos que estão preocupadíssimos com esse debate, mas esse debate, para os professores, para as professoras da rede municipal de Porto Alegre não é novo. Agora me lembra a colega Luciane, lá no Simpa muito debatemos isso; há mais de 5 anos, e mais ainda outras tantas pessoas, não é, Simone? Lá inclusive no Conselho Municipal de Educação. Então nós estamos hoje com um problema social brasileiro que está respingando em Porto Alegre. Eu quero, para encerrar aqui, dizer o seguinte: o ano letivo está sendo prejudicado por um condicionamento de pânico

irresponsável por espalharem mentiras inclusive no WhatsApp, por colocarem as famílias contra a parede e não darem segurança; as autoridades públicas têm que parar de criar pânico e criar segurança – segurança –, porque quanto pior não é melhor. Nós precisamos responsabilidade, neste momento, e averiguar tudo que está acontecendo. Agora, parece que tem pessoas aí na sociedade, principalmente os espalhadores de *fake news*, que quanto pior melhor; o caos, o pânico, e as crianças perdendo aula, e os professores não conseguindo dar a sua aula, tendo metade dos alunos. Então acho que a gente tem que mapear esses criminosos, esses bandidinhos que tem aí, neonazistas, essa gente dessa laia terrível, e essa gente tem que ser autuada, responsabilizada; não dá para aceitar. Eu acho que as forças policiais, quando fazem investigação, condução, e mapeiam essas redes de ódio, nos ajudam enormemente. Então parabéns, Ver. Giovani, e vamos em frente.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Ver. Jonas Reis. Quero pedir a nossa concentração e respeito para concluir a reunião. Então nós vamos ver agora a última manifestação da SMED e depois eu e Ver. Mauro, que preside a comissão, vamos dar os encaminhamentos para o fechamento.

SR. GUILHERME TODESCHINI: Ouvi a todos, nós ouvimos a todos por quase duas horas, todos os presentes, por mais de duas horas, então, assim, *fake news* é uma coisa muito séria; vou responder de trás para frente, vou começar pelo Ver. Jonas. Então vamos começar pela primeira *fake news*. Não contratam guarda municipal; o concurso aconteceu no ano passado e, no dia 11 do quatro agora, nós chamamos os convocados, classificados da Guarda Municipal, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Não tem RH na escola, a SMED não faz isso, sangrou o meu ouvido; eu não estou falando pessoalmente, agora eu estou falando como professor, eu sou professor de educação física há mais de 10 anos e trabalhei na rede estadual em que era professor da Escola Bahia e depois do Colégio Tiradentes Sangrou o meu ouvido, não é? O que que a SMED fez? Não

fez nada, não fez nada, não fez nada, não fez nada... Setecentos e quinze professores chamados no concurso temporário: “Ah, mas foi temporário, eles vão ficar um ano e vão sair...” O concurso para professor efetivo foi domingo, ou seja, mais uma *fake news*. Até agora nós já chamamos 550 professores, Roseli. Na tua escola, Roseli, que é a Anísio...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. GUILHERME TODESCHINI: Só um pouquinho, agora é o meu espaço de fala, por favor, vamos respeitar o espaço de fala. No Anísio Teixeira, eu vou enumerar aqui o nome de todos os professores que foram enviados para cada um. Para a Anísio Teixeira, a escola da diretora: sete professores de ano inicial, um de espanhol, um de geografia, dois de história, um de inglês, dois de matemática, dois monitores, dois professores de Sala de Integração e Recursos (SIR). Certo, Roseli? Vamos lá, vamos lá, deixa eu concluir. Só um pouquinho, só um pouquinho, Lucas. Lucas, vamos no Lucas então. No Lucas Jean Piaget, já vou chegar no Lucas. Sobre a fala da Niara, a equipe técnica da SMED é formada totalmente por professores. Então tu disseste que a gente tem que ouvir os professores, nós somos professores. Não existe ninguém no corpo técnico...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. GUILHERME TODESCHINI: Só um momento; tu queres falar sobre inserção na escola, tem que aprender a respeitar. A escola é um ambiente de respeito. Então, primeiro, eu estou falando e eu preciso ser respeitado. Certo?!

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Companheiro da SMED, eu quero te ajudar aqui.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Bobadra, tu não vais me dizer estabilizar e tão pouco impedir a reunião. Companheiro, eu quero aqui pedir que a gente possa ouvir a manifestação da SMED, que foi recorrentemente citada nas manifestações, para que posteriormente a gente possa encaminhar a reunião. É perceptível que há uma tentativa de desestabilizar e implodir a nossa reunião. Então não vamos cair em provocação. Muito obrigado.

SR. GUILHERME TODESCHINI: Não; tranquilo, é que assim, vereador, com todo o respeito...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Vamos aguardar a representação... Lucas, Lucas, por favor... Eu quero pedir a tua ajuda, Lucas... Lucas... Eu quero pedir a tua ajuda para a gente conseguir ter a conclusão da fala da Secretaria Municipal de Educação. Isso.

SR. GUILHERME TODESCHINI: É importante, Lucas, é importante a minha fala, Lucas, por quê?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. GUILHERME TODESCHINI: Tranquilo, tranquilo, olha só, por favor, vou pedir aos dois, por favor. É importante, por quê? O que acontece? Tem muita coisa que foi dita que a gente faz e que não é conhecida. A SMED não trabalha com publicização dos nossos atos; os nossos atos, quem conhece é quem está na escola. A gente traz, é importante que a gente venha a este tipo de debate para a gente poder trazer o que a gente faz. Então voltando à resposta à Niara. Todo corpo técnico da SMED é formado por professores, Niara. Nenhum dali tem menos de 10 anos, eu sou um dos mais jovens ali; eu tenho 36 anos e 10 anos de escola. Não é fácil, como tu disseste: é fácil falar das ações? Não é fácil.

Eu, como coordenador de segurança, trabalho 14, 15 horas por dia, fora do contexto, atendendo; a Célia também. Nós temos o grupo de coordenadores em que ambos os guardas municipais fazem parte. Nenhum de nós tem descanso enquanto a gente não atende a todas as demandas em segurança das escolas. Todas as ações envolvem muito trabalho dedicado. A Abigail comentou da cultura de paz e que a comissão, a CIPAVE, é importante e que deve ser colocada. Sim, nós colocamos desde 2018, nós trabalhamos com CIPAVE e trabalhamos com multiplicação, fazem-se formações para multiplicação; o conselho escolar e a comunidade escolar devem multiplicar os comportamentos seguros. A gente não consegue formar toda comunidade escolar de todas as 98 escolas. Então nós formamos multiplicadores. É como a formação do botão do pânico; também a Niara disse que não adiantava botar um botão. Eu pergunto a vocês se vocês sabem como foi feito o botão do pânico? Eu dei seis reportagens para que a gente pudesse veicular, a imprensa veio até nós, para dizer o que que era o botão do pânico. Não é um botão físico do pânico, trata-se de um aplicativo, nós demos a formação para todas as direções para que elas pudessem acionar em grave ameaça; não tem relação direta com todo nosso trabalho de prevenção que já acontece e vai seguir acontecendo. É para uma situação de um débil mental, com perdão do termo, que invadiu a escola lá com uma machadinha na mão. A gente precisa ter ações imediatas para essas situações. Nós estamos aqui para dialogar, Kaick, para dialogar, então tragam soluções. Não adianta a gente ficar fazendo críticas concisas a ex-governos e governos atuais, a gente tem que construir. Construir é trazer opções, e nós estamos como SMED aqui para ouvi-los. Para finalizar, a gente fez...

VEREADOR MAURO PINHEIRO (PL): O botão do pânico, não sei o da SMED, eu não conheço, desconheço, mas de comércio, eu venho do comércio, o botão de pânico, eu tenho no meu comércio, é um botão que eu seguro, que eu o aperto, não soa um alarme e vai acionar a segurança ou a pessoa que está atacando não sabe que foi acionado e tu vais acionar a segurança para a segurança vir.

SR. GUILHERME TODESCHINI: Vamos esmiuçar rapidamente. O que é o botão do pânico, que a Prefeitura ofertou por meio da SMED e da secretaria de segurança? É um aplicativo, por dois toques, tu vais abrir o aplicativo com um toque, o botão do pânico; quero chamar – sim –, em dois toques. Nós fizemos uma central única no Ceic, que o comandante Franco citou, um telefone único que vai atender as chamadas das escolas. Então essa central é específica para escola pública municipal ou conveniada que atende alunos do Município, ou seja, não vai tocar geral 153 ou geral 190, vai tocar específico para atendimento imediato. Não vai precisar ter contraligação. Tocou ali, a gente tem o georreferenciamento, CPF, nome da escola e a guarda vai imediatamente àquela escola. Então essa nossa atitude...

VEREADOR MAURO PINHEIRO (PL): E quem tem acesso ao aplicativo na escola?

SR. GUILHERME TODESCHINI: Na escola, todos os corpos diretivos das escolas tiveram acesso à formação, e eles são replicadores dessa informação, eles podem escolher até cinco pessoas para cadastro no aplicativo e para serem comunicadoras. Então essa é a nossa ação direta. É a solução final? Não é. A gente precisa construir ações nesses debates, agora a gente precisa falar das ações que estão acontecendo de forma verdadeira, Jonas, de forma concisa, a gente precisa trabalhar construindo, né, não é se atacando, é construindo. Eu venho aqui como professor representante da SMED e eu quero trazer a vocês todos os atos que a gente faz lá, mas a gente precisa que vocês venham até nós, a ATEMPA. A gente recebeu vocês uma vez, nós temos dois ofícios de solicitação de vocês. Por que que nós não, desculpa eu tinha até esquecido, Luciane, de te responder, de tanta coisa que falaram. A gente não recebeu vocês, porque a gente estava transferindo um prédio para o outro, que a gente está com uma situação no nosso prédio da SMED em que nós tivemos que pegar todas as direções de setores e a SMED e adequar em um outro prédio para que a gente pudesse reformar. Então no momento em que vocês fizeram a

solicitação, a gente não fez, não acatou, mas vamos acatar. Vamos recebê-los como sempre recebemos, certo? Lucas, tu disseste: “Bah, a gente não se sente seguro na escola.” Lucas, tu tens meu contato pessoal, Lucas, o meu WhatsApp, não tens? Todos os diretores têm. Eu nunca deixei, como coordenador de segurança, de atender um diretor, porque essa é a nossa orientação na SMED. Eu não tenho mais nenhuma restrição a contato, meu celular é público. Então, assim, pergunta para nós, nós vamos te dar... Deixaste para me perguntar aqui, por que tu não me chamaste. Eu vou te atender, como atendi todas as direções que entraram em contato. A SMED está aberta para recebe-los. Esquece ideologicamente, nós vamos falar de trabalho técnico, nós estamos falando de trabalho técnico. Perfeito. E a SMED, eu me coloco aqui à disposição novamente, a SMED vai trabalhar tecnicamente como tem trabalhado nos últimos dois anos de gestão e nos colocamos à disposição para eventuais dúvidas que queiram colocar.

VEREADOR MAURO PINHEIRO (PL): Muito bem, Guilherme...

VEREADOR JONAS REIS (PT): Mauro, só restabelecer uma verdade aqui, as demais deixo para vocês.

VEREADOR MAURO PINHEIRO (PL): Jonas, se nós voltarmos a falar, daí o outro vai querer falar.

VEREADOR JONAS REIS (PT): O concurso vai ser homologado em agosto, o ano letivo começou em fevereiro.

SR. GUILHERME TODESCHINI: Só que os professores temporários já estão em atuação, são 750.

VEREADOR MAURO PINHEIRO (PL): Está bem, nós vamos passar...

VEREADOR JONAS REIS (PT): Faltam 100 horas, só na escola Grande Oriente, de professores.

(O Ver. Mauro Pinheiro assume a presidência dos trabalhos.)

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PL): O presidente da comissão sou eu, cheguei um pouco atrasado; o Ver. Giovani Culau, que foi que pediu esta agenda, a gente deixou para ele, ele está conduzindo e eu assumi agora a presidência dos trabalhos, está terminando. O Ver. Giovani Culau agora vai fazer a fala dele, depois nós vamos encerrar a sessão.

VEREADOR GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, presidente Mauro, mais uma vez quero agradecer a ti, agradecer ao Ver. Gilson, que não está mais aqui, ao Ver. Byl...

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PL): O Ver. Gilson voltou.

VEREADOR GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): O Ver. Gilson voltou, está escondidinho ali, quero agradecer ao Ver. Jonas, vereadores que compõem a comissão conosco e que toparam por unanimidade fazer dessa reunião da CECE uma reunião com este debate sobre a promoção da cultura da paz nas nossas escolas. Nós, na semana passada, aprovamos, Mauro, no plenário da Câmara, por unanimidade também, uma moção proposta por esta comissão, Rosele, apoiando o acordo entre a Defensoria Pública e o Executivo para a ampliação do número de vagas e a garantia de vagas na educação infantil; a partir do acordo de Defensoria e Executivo é que demonstra o espírito que tem conduzido esta comissão que é o espírito de, apesar das divergências, um esforço coletivo de construção. E eu, apesar de mais jovem desta Casa, por vezes, demonstro ter mais maturidade e me sinto bastante tranquilo em manter este espírito aqui apesar das tentativas de desestabilização, como meu colega vereador – que eu não posso chamar de nobre –, Bobadra tenta fazer agora.

Então quero pedir desculpas aos nossos convidados e convidadas que porventura tenham se sentido desrespeitados, eu cheguei aqui em fevereiro deste ano, era suplente de vereador, sou o mais jovem hoje, vim do movimento estudantil; por isso tenho uma vinculação muito grande com este debate. E eu, junto contigo, Mauro, que somos os dois últimos, ouvimos quase duas horas aqui, não tive ainda minha oportunidade de falar, então quero dar breves contribuições. Por vezes, Jonas, a palavra ideologia tem sido criminalizada, e eu que venho das ciências sociais sei bem que ideologia, na verdade, significa visões de mundo, visões de mundo, Mauro. E as pessoas terem visão de mundo não é um problema. Tem gente que tem visão de mundo, por exemplo, que tenta responsabilizar a juventude pelos problemas que a gente enfrenta nas escolas hoje, como fez o vereador, que se retirou agora, na manifestação dele. Eu tenho uma visão de mundo que pensa que garantir a segurança nas escolas passa exatamente por esse mote do desenvolvimento de uma cultura de paz. Isso passa por a gente pensar policiamento, Mauro, mas pensar policiamento, analisando dados, pensando políticas públicas baseadas em evidências. Por que eu digo isso? Estados Unidos é um dos lugares do mundo que mais tem policiamento nas escolas, e os estudos desenvolvidos, Jonas e Gilson, nos Estados Unidos demonstram que não necessariamente apenas o policiamento garante segurança. Quando a gente fala de monitoramento, e a gente tem um colega aqui, o vereador da bancada do PSDB, Marcelo, ele tem uma proposta, Gilson, de monitoramento nas escolas. E aqui foi dado um relato daquilo que já se tem, o próprio tema do monitoramento precisa ser bem debatido, porque esses grupos que promovem esses ataques, tudo que eles querem é reconhecimento, e muitas vezes o monitoramento é para eles exatamente um estímulo e uma possibilidade de ter cobertura na repercussão dos seus ataques. Não estou dizendo com isso que não tem que ter monitoramento, mas estou dizendo aqui que esses temas precisam ser tratados com profundidade, de forma transversal, não pensando nenhuma das medidas como isoladamente possíveis de resolver o problema. Eu acho, a Niara trouxe isso para o debate, eu acho que os botões de segurança, Niara, são uma medida, mas elas são uma medida

insuficiente se essa for a nossa única resposta, porque botão de segurança, não é Roseli, é tudo que a gente não quer acionar. O Mauro estava falando aqui dos botões de segurança para o comércio. Bom, ele pode ser desenvolvido? Precisa garantir capacitação? Para garantir capacitação, a gente precisa enfrentar o tema do RH, e é claro que eu escutei atentamente a manifestação da SMED, mas nós não podemos negar, e espero que não tenha sido isso que tu tenhas dito Guilherme, não podemos negar que não há problema de RH em Porto Alegre hoje. Há um problema de RH, e deu para perceber isso nas manifestações aqui, que tem relação com a discussão que nós fazemos sobre a segurança nas escolas.

Eu anotei aqui outros temas. Porta giratória; porta giratória é algo que tem sido levantado nos debates, mas veja bem, o caso de Blumenau, por exemplo, não se passou por uma porta para acessar a escola. O mesmo vale para quem defende, por exemplo, o monitoramento de identificação, das portas metálicas aquelas, detector de metal. Então trago o conjunto dessas questões para buscar contribuir numa elevação no nível do nosso debate aqui, justamente apresentando que individualmente nenhuma medida é capaz de atingir os nossos objetivos, que é construir escolas mais seguras, pautadas numa cultura de paz.

O tema da saúde mental que foi tratado aqui é fundamental, fundamental, e que é um grande desafio em Porto Alegre e no Brasil inteiro. Por que que eu falei tudo isso né gente, porque Ver. Mauro, Ver. Jonas, Ver. Gilson, o que eu quero propor é que a partir dos convites que nós fizemos hoje aqui, a gente estabeleça um grupo de trabalho, Ver. Bobadra, um grupo de trabalho para que ele possa, e o Ver. Gilson falou sobre receitas, alguém falou sobre soluções, sistematizar – sistematizar – justamente as sugestões de forma objetiva que nós queremos apresentar ao Executivo Municipal para que a gente possa solucionar os problemas que hoje aterrorizam a nossa comunidade escolar. Nós não podemos naturalizar esse sentimento de medo que hoje toma conta das nossas escolas. Então a proposição objetiva que eu faço de encaminhamento, porque eu acho que hoje a gente falou muito aqui de escuta, a gente escutou muito, mas nós não

fechamos o debate. Eu acho que nós demos um pontapé, e eu estou muito satisfeito, Mauro, em ter proposto essa pauta e ter proposto esse encontro que nós conseguimos ter aqui. Então, para dar consequência, o que eu proponho é esse grupo de trabalho.

Para finalizar, já que tu ficaste me olhando permanentemente ao longo da minha internação enquanto tu estive aqui, as questões pessoais que eventualmente tu tenhas comigo, a gente trata fora da reunião da comissão, mas eu não vou tolerar que tu venhas para cá e busque tumultuar da forma como tu fez ao longo da nossa reunião e muito menos me desestabiliza. Então esse é um recado que eu estou dando diretamente a ti, e deixei aqui a minha proposta de encaminhamento para a reunião. Muito obrigado, presidente Mauro.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PL): Nós estamos escutando aqui desde um pouco mais das 14h, são quase 17h, nós escutamos. Esta é uma comissão que está aberta para o debate sempre. Eu acredito que temos muitas coisas para avançar. O problema da segurança nas escolas e na vida das pessoas não é só uma questão de policiamento. Todos nós sabemos disso. São várias as questões, desde a moradia, do emprego. Então são várias as questões, nós aqui ouvimos atentamente a todos. Vamos procurar encaminhar. A ideologia faz parte do debate político, sim, mas não adianta ficarmos só na ideologia, porque o governo esse, o governo aquele... Esse é um problema que vem de muito tempo, desde que o Brasil é Brasil temos problemas. Então se fosse só culpar – e até me desculpo ali com a estudante quando eu falei –, é porque se nós dissermos que todas as culpas do que está acontecendo foi por causa do governo Bolsonaro estaria resolvido, porque ele perdeu a eleição. Não está resolvido, senão nós não estaríamos debatendo. Eu te escutei – tu reclamaste que eu te interrompi e agora tu estás me interrompendo –; a gente respeita as mulheres, respeita os negros, respeita a toda a diversidade, respeita todo mundo, agora os nossos problemas não estão só na ideologia. A ideologia vai ter o debate, alguns de vocês acham que a escola tem que ser pública e estatal, outros vão achar como o ex-prefeito Marchezan que a escola poderia ser pública e não ser estatal.

Então aí é o debate político, e esse debate político pode ser feito; pode ser feito hoje, pode ser feito qualquer dia. Esse é o debate que nós vamos fazer. Se a escola tem que ser pública e estatal, é uma posição. Outros vão dizer que não, temos que ter escolas públicas estatais e podemos ter escolas públicas não estatais. Belo Horizonte está cheio de exemplo lá de escolas públicas que não são estatais. Bom, o Lucas pode discordar, não sei se discorda, acho que discorda; o Bobadra vai dizer que não, eu prefiro essa. Bom, mas aí é uma disputa ideológica e nós vamos fazer com respeito um com o outro. Nós temos que fazer esse debate com respeito. Agora as diferenças existem; nós não podemos assim: o Ver. Bobadra vem aqui, pensa diferente da maioria das pessoas que falaram, ele escutou, e quando foi a vez de ele falar, vários se manifestaram, não gostaram da manifestação. Bom, mas aí ele respeitou escutando todas as pessoas. Então tem que ser respeitado que ele diverge das pessoas. Então nós temos que respeitar o outro, e isso já começa por aí né, porque a segurança pública, se eu ficar desrespeitando um vereador ou outro desrespeitando o outro, daqui a um pouquinho vai ter um conflito. Aí já vai gerar uma insegurança...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PL): Só um pouquinho, Bobadra. Então é assim, pessoal, nós vamos encaminhar, nós vamos ter um grupo de trabalho aqui, a proposta do grupo de trabalho nós vamos levar para os demais vereadores para decidirem como vai ser esse grupo de trabalho, quem vai compor, como vai se dar o andamento. A vereadora que já saiu, a Ver.^a Abigail, do PCdoB, fez uma sugestão, nós vamos levar a sugestão dela do decreto para debater com os demais vereadores, não é um vereador que toma a decisão sozinho. Então as proposições de vocês, nós vamos fazer o debate entre os vereadores da comissão, para que a gente possa dar andamento; há duas propostas, uma do grupo de trabalho, e a do decreto que nós vamos fazer a discussão dentro da comissão...

VEREADOR GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): A Luciane, da ATEMPA, Mauro, sugeriu que o grupo de trabalho faça visitas às escolas para fazer essa discussão...

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PL): E a outra questão é que a nossa comissão está aberta para o debate, nos proponham demandas, que a gente vai escutar, dos diretores, independente de ideologia, do que o cara pensa, sendo uma proposta para discutir a educação, para discutir a cultura, discutir esporte e juventude, esta comissão está aberta para fazer o debate. Então a gente pode debater, pode visitar, dentro também do nosso tempo, e aquilo que nós concordarmos ou não, nós vamos ouvir, vamos levar para SMED, para fazer o debate. A SMED, todas as vezes que foi chamada até agora tem vindo, eu acho que é importante a gente fazer o debate; a aplicação vai depender; tenho certeza que nem tudo que há necessidade, muitas vezes não é por falta de vontade, tanto que o prefeito, independente de que partido político, o governador, o presidente da república ou as secretarias não executam, muitas vezes, porque falta o recurso; tem que fazer dentro do orçamento, daquilo que pode. Tem que escolher as prioridades. O orçamento do Município não consegue cobrir tudo. Eu sempre falo; os vereadores às vezes: “ah, eu queria que tapasse o buraco, queria que cortasse a árvore e não consigo; eu pedi lá e o secretário não cortou.” Bom, se o secretário tivesse dinheiro para podar todas as árvores e tapar todos os buracos, ninguém nos procurava. É porque o recurso é escasso. Infelizmente o recurso é escasso. Mesma coisa com as leis federais; são feitas várias leis federais que não se consegue cumprir, porque a lei federal é feita, mas o recurso do governo federal para a lei não vem, não é do governo que está hoje, do governo Lula, do governo Bolsonaro; os deputados fazem as leis, o município tem que cumprir, mas não diz de onde vai vir o recurso. Então é isso que nós temos que ver. Muitas vezes tu não tens o recurso. Certo.

(Manifestações fora do microfone. Inaudíveis.)

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PL): Então nós não vamos dar a palavra para mais ninguém. Só a senhora me fala e eu encaminho depois, está bem. Se alguém tiver alguma proposição ainda, nós estamos aqui aguardando. Muito obrigado. Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 16h53min.)

TEXTO SEM REVISÃO